



0

ALABAMA



1869

A

1870



I.C.H.V.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 68.^a

TERÇA-FEIRA 2 DE AGOSTO.

N. 677.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numero ;
5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEIDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
1.^o de agosto de 1870.

Officio a Illma. camara municipal, pedindo-lhe que, quando não seja por outro motivo, ao menos por obra de humanidade, mande tapar o tremendo buraco, que ha dias está aberto na ladeira da Poeira, ameaçando engolir qualquer infeliz cego, que por sua má sina por ali passe, ou mesmo a algum insciente cavalleiro, de noite, o que não será cousa impossivel com a pessima illuminação que temos.

- Capitão, trata-se de um grave attentado.
- Qual é elle?
- Reduzir a escravidão pessoa livre.
- E' um crime perante Deus e a sociedade.
- Que a lei deve punir severamente.
- Que duvida; vamos ao facto.
- Dizem que o africano Aarão pretende chamar ou chamou ao captiveiro dous filhos da preta livre Luiza.
- Com que direito?
- Luiza foi forra com condições em 1857, e a carta de sua emancipação foi registrada em notas ha cousa de quatro annos. Depois da data em que foi forra, teve dous filhos que Aarão tem mandado matricular como seus escravos.
- O Dr. chefe de policia ja teria conhecimento do caso?
- Creio que sim.
- Então não lhe dê cuidados; S. S. sabe cumprir com seu dever.

- V. é capaz de dizer a quantos mezes está na rua das Veronicas um perigoso alcapão armado á espera de uma victima?
- A mais de anno.
- Muito deleixo ha nesta torral
- Não ha um fiscal, um agente municipal que veja aquillo!
- Deixam um profundo buraco no meio da

rua e a pedra que o cobre, em falso, de sorte que quem não souber, ou por descuido pisar nella, terá de ir ao abysmo.

—Eu não sei si a camara tem indole perversa, como que prepara desastres para o povo!

—E' pouco caso, desprezo pelo commodo publico.

Nem ao menos é cousa que demande despesas; um servente em menos de duas horas colloca a pedra em seu logar e evita um sinistro.

—Oh! que horrivel fetido!

—E' isso que V. vê, não se pode passar aqui por detraz da egreja da Sé, que não se respire este nauseabundo cheiro de ourina podrel!

Fazem da parede do templo cloaca ourinatorial!

—Isto até é uma falta de respeito urinar-se sobre a parede da egreja.....

—Homem, aprecie isto que é cousa nova. Um guarda de policia seguro por um paisano.

—E' o caixeiro da venda.

E diga-se que o carro não anda adiante dos bois!

—Os dous guardas de policia que acompanham o forçado entraram na venda; o crioulo que tem uma pinha de cabellos brancos, mandou deitar cachaça que offereceu ao companheiro e ao preso.

Depois de tomarem o *codorio* sahiram, declarando o que mandou vir que não pagava; o caixeiro pula o balcão, agarra-o e quer ir com elle á policia.

—E' justamente isso; agora o galé, para pôr termo a questão, pucha do seu bolso dinheiro e paga pelo soldado.

—Cousa notavel; este individuo chama-se Prudente o pratica taes imprudencias.

—E' bem feio procedimento este; si obrasse obrigado pela fome, teria desculpa; mas para satisfazer um vicio pernicioso!

—No domingo, ás 3 horas da madrugada, deram as egrejas signal de incendio, que se manifestou na Preguiça, ao becco denominado do Gelo, no escriptorio do Sr. João Both.

O incendio já tinha tomado algumas proporções; mas, graças aos promptos soccorros dos moradores da circumvisinhança, foi extinto.

Compareceram ao lugar do incendio algumas bombas e as authoridades policiaes quando elle já estava quasi extinto.

—E' sempre assim.

—Felizmente não tivemos desgraça alguma a lamentar.

As missas do domingo.

E' bello e gostoso, ver a devoção das minhas patricias.

Que pressa, que afan em se apromptarem no dia de domingo para irem a missa!

Que escrupulos de consciencia, que medo de peccar, si o pobre pai, que neste caso não é sinão um pau de cabelleira, diz que não pode levá-las a egreja, ficam assanhadas, ficam piões, que uma jararaca e antes que-riam um beliscão bem forte, do que semelhante calamidade. Faltar a missa?! Oh! que crime, que peccado!

Mas, o espertalhão traquejado n'estas e outras das amabilissimas yayás, pois são ellas sem contradicção os bichos mais matreiros que ha, acreditará na devoção d'ellas? Penso que não, porque o desejo e pontualidade na missa tem outro fim.

São seis horas da manhan; e ja no quarto das filhas do Sr. Francisco Antonio, se penteiam as moças, se desdobram os vestidos pretos, e se pucha toda a vasta collecção de pomadas, cosmetiques, banhas e oleos.

A negrinha que as serve anda n'um sarilho de dentro para fóra e de fora para dentro. Uma quer agua para o rosto, outra que lhe aperte o collête, esta que limpe o sapato, aquella que lhe ate o cabello.

O pobre pai ja está a boa hora preparado, e paciente passeia na sala, esperando.... esperando....

Duas horas ja decorreram, e inda a cousa não está ultimada. As ditas brigaram entre si por causa do pente umas dez vezes, voltaram as boas e riem se. Querem saber como irão bem, e perguntam-se umas as outras: — esta flor está conforme? que diz você, vou de lenço ou mantelete?

N'esta consulta lá se vão outras duas estiradas horas; e as yayás apenas chegaram a se por de anaguas, isto é, sete ou oito bem cheias de goma e duras, pois é da moda.

Mas... agora é que é o ver. A pobre negra do quarto está de joelhos, faz força, e nada de novo. O vestido está com a maneira aberta um palmo, e é necessario que elle se aperte, inda que uma costella se quebre.

Muitas vezes em taes afflicções, ja vimos algumas mandarem chamar á toda gente de casa para apertar o vestido. E' da moda que a moça se aperte á não poder respirar. Uma sei eu que ja anda toda torta e meia corcunda por causa do vestido.

Depois de muito suar, e muita raiva das sinhás, concluiu-se a apertação dos vestidos: estão todas que parecem umas bonecas de engonsos. Nas anquinhas, á laia de gondolas, sentados dois homens iriam muito a seu gosto.

Inda vae-se ao espelho uma porção de vezes; inda se remeche no cabello, se prega um alfinete, se indireita uma flor.

Sahem do quarto, o velho respira. Mas inda alguma volta ao quarto porque se esqueceu do leque ou das luvas.

Sahem emfim. São onze horas; é a missa do grande tom; a ella so vai a rapazeada amavel e as yayás da moda.

Ora, quem pode lá ouvir uma missa antes das onze! Tinha que ver!

A missa das onze na Piedade é o rendez-vous das raparigas, e a missa da devoção de certos meninorios que não perdem vaza.

Então as yayas, aos pinotinhos, batendo com os leques nas mãos, como si fossem distrahidas, no seu caminho vão reparando o effeito que produzem.

A negrinha fraldilqueira que seguiu sua senhora, estende o tapete lá em certo lugar, e n'elle, depois das competentes medidas, se ajoelham as illustrissimas.

Meu Deus! que santinhas! Estão de livro aberto, tão seriasinhas que compungem. Quem as vir, so si tiver muito má lingua é que será capaz de dizer alguma coisa.

Que devoção!

Apezar, porem, de não haverem ainda levantado os olhos, ja cada uma descobriu o seu Adonis, ja lhe deu trez ou quatro olhadelhas de ferir, e até ja participou a irmão que está junto o defeito que descobriu na moça que lhe fica em frente. Tem dentes postiços, e penteia o cabello com sebo de Hollanda.

Assim se passa a missa, e no final nem ao menos sabem a cor do veu do calix.

Ao sahir da egreja, vão todas se remexendo, cortezias para um lado, cortezias para outro; olhar romantico para aquelle caixeiro namorador que na folga que teve da loja no domingo passado, lhe passou pela porta dez-

oito vezes; olhar symbolico para outro que lhe promette casamento jurando com os dedos na bocca; olhar enternecido para outro com quem está brigada, enfim, coisas e coisas....

E viva a devoção da missa das onze, das yayás da moda.

Já que fallamos em missa, classifique-mol-as.

A missa de demadrugada, é das beatas que sempre tem fome canina de missas; que não sahem de seu capote; é das moças do paes rabugentos; e dos velhos e velhas; é uma missa desenhabila e triste.

A missa das seis horas, é massativa, e so serve para os estudantes dos collegios, para os caixeiros, que ainda tem de ir abrir a loja ou algum que ja veio tarde para a de demadrugada.

A missa das oitos horas, é a missa das mães de familias arranjadeiras de suas casas, e d'aquelles que inda ouvem missa sem almoçar.

A missa das nove é a dos frades e freiras, recolhidas e clerigos. Esta missa é amada das beatas que são capazes de brigar as tapenas disputando sobre a voz de um tal frei.

A missa das dez, é para os professores e homens de certa ordem.

A missa das onze, é a missa do tom, da moda, e muito em voga, porque quatro ou cinco moças das assignantes d'ella, tem ali fígado marido.

Quem não ouve missa das onze horas na Piedade não é da moda. Está decidido.

A PEDIDO

—Que é aquillo ali na rua dos Ourives?

—E' o lançamento do imposto sobre industrias.

—Mas é preciso aquelle fallatorio?

—São alguns ourives que reclamam seus direitos, por não ter o lançador distribuido justiça equitativamente com todos.

Uns que vivem unicamente de seu trabalho, mas que tem uma pequena taboleta, onde recolhem as obras por elles mesmos fabricadas, que não estão sujeitos a lei, pois ella é bem clara, são lançados para pagar um imposto exorbitante ao passo que áquelles que estão sujeitos ao imposto são dispensados d'elle, á titulo de viverem de seu trabalho, como, por exemplo o Sr. Eduardo que tem uma bonita e sortida taboleta, recheiada de ricas joias.

—Mas o que quer V.?

O Sr. Eduardo é proprietario; é rico negociante e o lançador dos impostos mora em

uma propriedade delle; e está, segundo dizem, atrazado nos alugueis.

—Tem razão; hoje é quinta-feira 28 de julho, está proximo o fim do mez.

—E então; tudo é assim em minha terra!

—Ainda com tudo isso eu entendo que se deve fazer justiça, visto como a lei é egual para todos, quer castigando, quer protegendo.

—Deve ser assim, mas infelizente não o é!

Motte

*Todo o jardim tem flores,
Não ha nympha sem amante;
Toda aquella que é formosa
E' dura e inconstante.*

GLOZA.

Todo o monte tem cume,
Toda a arvore tem raiz,
Todo o tendeiro tem giz,
Todo o amante tem ciume,
Todo a flor tem perfume,
Todo o doente tem dores,
Todo o reu tem defensores,
Todo o poço tem fundo,
Assim se compoem o mundo
Todo o jardim tem flores.

Toda a chuva faz lama,
Todo o sabio tem memoria,
Todo o reino tem sua historia,
Tudo o que arde faz chama,
Todo o bom vinho tem fama.
Todo o fiel é constante,
Todo o vadio é tractante,
Todo o ouro tem sua liga,
Todo o bixo tem barriga,
Não ha nympha sem amante.

Todo o rei tem conselheiro,
Todo o semblante tem fronte,
Todo o ribeiro tem fonte,
Toda a moeda é dinheiro,
Todo o esperto é matreiro,
Toda a flor é viçosa,
Todo o motte tem glosa,
Toda a abelha tem ferrão
Faz prender o coração.
Toda aquella que é formosa.

Todo o doce é gostoso,
Toda a ginja tem caroço,
Todo o patrão tem seu moço,
Todo o verniz é oleoso,
Todo o velho é baboso,
Todo o metal é sonante,
Todo o moço delirante
Ama a bella criadinha,
Toda a menina lindinha
E' dura e inconstante.

Na freguezia de Grotas tambem vñõ fosto-
jar o acãbamento da guerra.

Meia duzia de intimos, na *influencia* de um
almoço na casa do coronel, lembraram-se de
arvorarem-se em duas commissões para obte-
rem donativos. Mas o coronel, que não cabe
de cavallo magro, deixando-se ficar em casa,
põz a procissão na rua, fazendo o principal
papel o vigario da freguezia, que não trepi-
dou em prestar mais este serviço ao amigo.

Ha de haver zabumba, foguetes e os com-
petentes *cumquibus* para o Revd., que em lo-
gar de prestar-se a cousas uteis na freguezia,
como seja o melhoramento do cemiterio que,
segundo dizem, serve de pasto para o seu ca-
vallo, anda pedindo dinheiro, prevenindo
logo que isso não prejudica a sua devoção de
Nossa Senhora das mulheres que *estão para
parir*. Terá elle esperança de algum dia dar á
luz alguma creança?

Ao egregio e distincto capitão do Alabama.

Meu nobre commandante, si merece
Um pobre general, vossa attenção,
Eu vos peço, senhor, que uma escorva
Mandeis passar no biltre do *Janjão*.

Commandante, o devasso cachaceiro
Si continúa la no *alambique*
Pretende unicamente o que possui
O pobre do papá, metter a pique.

Eu posso garantir-vos que vagando
Pelas ruas, as noites elle passa;
O velho é rabugento, porem elle
A força de artimanhas o embaça.

Indagae dos senhores das *negrinhas*
Das immediações deste Bomfim,
Quem é esse peralta e libertino,
E todos vos dirão tambem assim.

Mandae portanto, ó capitão sublime,
Esfregar o tratante a calabrote,
Pela vossa maruja denodada,
E metter-lhe a carranca em um bispote.
O general Allan Kardec.

Movimento do porto.

Entrou desarvorado e com avaria grossa o pa-
tacho nacional D. *Jacinto*, de 36 a 40 tone-
ladas de lotação, vindo de *Villas-más*, ca-
pitão F. de *Jesus*, com carregamento de cy-
nismo, seducções, malvadezas, faltas de
consciencia, etc., para *provisões* e o mais
preciso aos reparos das *descambatorias* e
avarias do mesmo: trata-se com os con-
signatarios P. de Campos & C.—freguezia
do Mamão.

Abraço hybridõ.

Um dia padre e monarchia
Abraçaram se na terra;
Um delles gerou a fome
O outro gerou a guerra.

Fatal ao povo esse abraço
Foi aos demonios tão terno,
Que fundiu-se uma coroa
Nas officinas do inferno.

E as legiões coroadas,
Sahindo do negro abysmo,
Arremessam sobre os povos
O throno e o jesuitismo.

VARIÉDADES.

Analogia.

«Entre Eliza e a pimenta
Acho tanto semelhança,
Que quando a moça me tenta,
Vem-me a pimenta á lembrança.

Si a donzella se agonia,
Da fructa assume o rubor;
E p'ra mais analogia
Tem ambas o mesmo ardor.

Quer que uma e outra excite
No destino alterações;
A pimenta—no appetite,
Eliza—nos corações.

Afinal, si mais se attenta,
Tanto accordo se divisa,
Que como Eliza é pimenta,
Tambem a pimenta é Eliza.»

Ferreira Leal.

Pensamentos moraes.

O maneta é o verdadeiro typo da caridade,
porque não pode retirar com uma das mãos o
que deu com a outra.

Ha duas cousas que se não podem olhar
fixamente—o sol e a morte.

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

De ordem do conselho administrativo con-
vido aos Srs. socios a reunirem-se em assem-
bléa geral, na quarta-feira 3 do corrente, ás
6 horas da tarde, afim de discutirem os rela-
torios do 1.º e 2.º trimestre, e os pareceres da
commissão de contas. Bahia 1.º de agosto de
1870.—O 1.º secretario, *Joaquim Cassiano
Hippolyto*.

Quem tiver vista curta ou padecer meles-
tias d'olhos, va morar na Boa-Vista.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 68.ª

SABBADO 6 DE AGOSTO.

N. 678.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numero; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 5 de agosto de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, requisitando-lhe a presença de dous guardas policiaes, pelo menos, no passeio publico, afim de evitar os actos de malversação que ali pratica uma malta de rapazes vadios e malcreados, que torna aquelle logar de recreio e distracção inaccessible ás familias que não querem presenciar tanta pouca vergonha e expôr-se a uma vaia.

E um destes dias levaram a audacia ao ponto de apedrejar o guarda que ahi ha, ancião octogenario, o qual, ao menos por sua idade, devia ser respeitado por aquella cafila.

—Capitão, uma bella acção digna de ser registrada.

—E o que faz?

—Espero o seu consenso.

—Não é preciso consultar-me sempre que tiver de mencionar acções louvaveis.

—Pois ahi vae.

João Maria d'Azevedo, ex-voluntario da patria e filho de uma mulher escrava, tendo voltado da campanha e recebido de soldo e gratificação 460\$ rs., tanto que recebeu esta quantia correu com ella a libertar sua mãe.

—Onde foi isso?

—No Rio de Janeiro. O *Diario do Rio* publicou o facto.

—Pois João Maria d'Azevedo é um filho reconhecido, um homem de sentimentos nobres, uma alma elevada; ao contrario de muitos fidalgos degenerados que não só envergonham-se de pronunciar o nome de sua mãe, como levam a abjecção á esconder e negar aquella que lhe deu o ser.

—Não se pode transitar á noite pela rua do Carro.

—E' verdade. Uma rua com tantos buracos, e alem disso sem illuminação.

—E no emtanto, as propriedades nella edificadas estão sujeitas á decimas urbanas.

—Publicou-se o 2.º numero do *Prenuncio*, pertencente ao mez de julho; traz excellentes artigos, escolhidos e variados.

—Capitão, o José Maria, contra-regra do theatro S. João, vae dar um beneficio. no qual offerece um bello divertimento ao respeitavel publico desta cidade.

—Em que dia?

—Na terça-feira 9 do corrente.

—O que leva elle á scena?

—O apparatuso e muito applaudido drama em 5 actos—*Simão, o velho cabo de esquadra*.

—Sómente?

—E a espirituosa comedia em 1 acto, pela primeira vez representada—*Sim ou não*.

—Que mais?

—A musica de policia, por obsequio do seu distincto commandante, tocará, durante o espectáculo, em um dos salões, escolhidas peças do seu repertorio.

O theatro estará nesse dia interior e exteriormente todo illuminado á gaz.

—Bem; vou pedir ao respeitavel publico sua protecção para este beneficio, visto o José Maria ter direito á uma enchente redonda, pela sympathia que goza.

—Está se matando cachorros.

—Boa medida; os animaes são immoraes em demasia, alem de uma serie de perigos a que o publico está exposto com tantos cães pelas ruas.

—Mas do que serve? Evitam um mal, causando outro maior ou pelo menos egual.

—Até disso tem o que dizer! Pois não é util extinguir a matilha de cães que investem sobre a gente?

—Seria, si a empreza do cisco fosse mais cuidadosa. Porem, matar os cachorros para deixal-os apodrecer na rua, é peor; ainda hontem eu vi um na rua da Larangeira.

—Já tiraram.

—Porque o subdelegado mandou; em muitas ruas os animaes permanecem dous e mais dias em estado de putrefacção.

—Arrel V. é difficil de contentar; não admitte a menor discrepancia!

—Diabo levara as pressas.

—E' inimiga da perfeição.

—E causa sempre transtornos; ás vezes irremediaveis.

—Não se estenda, diga o que quer dizer.

—Quero fallar do pouco cuidado que ha nas boticas; ha uma dellas, que pela avidez de vender muito, os caixeiros aadam sempre atarantados, e dahi tem-se dado enganos bem funestos.

—Houve algum agora?

—Contaram-me que o medico assistente do Sr. José Ferreira da Silva receitou-lhe uma cataplasma, a qual indo aviar-se, succedeu que na botica, por equivoco, arrumaram-lhe com uma substancia venenosa, que levou o homem ás portas da morte.

—Sempre estão se dando casos desses; já um homem morreu envenenado por lhe darem sal de azeda em uma botica.

Sabe qual foi a botica?

—Não estou bem certo, mas creio que foi a dos Srs. Dias Lima.

—Estas faltas de cuidado provam o pouco caso em que se tem a vida humana, olhando-se somente para o lucro que pode deixar o maior numero de receitas que se aviem mais depressa.

—Os carros da limpeza não vão ao forte de S. Pedro?

—E para que?

—Para apanhar a grande porção de cisco que estão ajuntando ao pé do passeio publico.

—Ora cuide n'outra cousa.

—O destacamento do Caes Dourado tem-se tornado celebre pelos factos turbulentos que pratica.

No domingo dera de rachar n'um homem.

—Prova os habitos pacificos de nossa policia.

—Um guarda conhecido por Alvarenga faz garbo em só conduzir presos á cabeçadas.

—E' mesmo a gente que se precisa para ali.

—Dizem que nem a presença de um official do corpo foi capaz de conter os impetos daquella gente ordeira.

—Consta que uma Sra. D. Maria, moradora á rua de Baixo, tem em seu poder uma menina sua afilhada, em quem, no domingo,

deu tanta pancada pela cara, com uma tamanca, que lhe pôz as faces em estado de forma.

—Eu não sei o que aproveitam essas brutalidades.

—Como se espanca assim um homem livre? Que uso barbaro e estúpido!

—E' soldado; está debaixo do regulamento.

—Mas por ser soldado, perde a dignidade de homem?

E hoje o castigo corporal no exercito é feito debaixo de certas formalidades, não como está fazendo este official que vem para guarda de palacio, dando no pobre homem por todo caminho.

—Deprecia a sua classe, ultrajando um membro della publicamente.

—E' torpe, é degradante, é barbaro, é deshumano tal procedimento; é não respeitar o publico, aviltando assim um homem que veste a farda de defensor da nação.

Um senhor não castiga seu escravo no meio da rua.

—Si o commandante das armas souber, estou que ha de chamar esse official ao cumprimento de seus deveres.

—Capitão, uma desgraça a lamentar-se.

—O que houve?

—Ha em Santo Antonio da Mouraria uma casa onde reúnem-se alguns estudantes para estudos gymnasticos. Um delles, parente do finado commendador Tiberio de Moncorvo e Lima, trepando-se em um trapezio na altura de 20 palmos, veio de lá abaixo, resultando da queda quebrar a espinha dorsal.

—Jesus! Misericordia! Morreu?

—Não; mas os medicos não garantem a sua vida e dizem que a não morrer vem a ficar paralytico.

—Quando se deu este facto?

—Na quarta-feira 3 do corrente.

—Coitado! Deus que tenha piedade d'elle.

A origem da mulher.

Tudo era cahos. O Omnipotente
Sem esforço, com calma, sem afan,
Creou o mundo—desd'a pedra ao homem—
Sem concelhos tomar com —Pelletan—

Depoz o homem no paraizo terreal e disse-lhe:

«A' minha imagem

• E semelhança feito

«Sem defeito, sem senão,

«Vê, quanto te cerca e mira,

E admira!

«Tudo, que ves, é teu

E, sob o ceu,
«Fazo-te rei da criação.»

Depois o pensamento infinito do Eterno gemeu: Fim!

Este gemido repercutiu por toda a criação e com mais força no cerebro

De Lucifer que, n'esse tempo,
Não tinha cornos nem rabo,
Nem patas bifidas;

Satanaz não se chamava
Nem *sujo*, *cão tihoso*, nem diabo.

Engorgitaram se-lhe as arterias do pescoço. Duplo fogo fugiu-lhe das retinas. Riu se. Monologou assim:

A tua obra pode estar perfeita, *mas não concluida!*

Em seguida transforma-se em ar. Gira em torno do solio do Eterno; rouba um raio: prende-o pela cauda e precipita-se nas escuridões do Tartaro.

A acção do anjo rebelde não foi desconhecida ao Incognito.

Ali chegando, toma um pouco de betume mais negro que a noite e volta. Achando-se a pallida luz das estrellas, formulou á semelhança da do homem, uma imagem, ampliando umas e modificando outras partes. Prompta a imagem, espelhou se nas aguas azongadas de uma fonte, e examinou-se e murmurou:—Bem!

Em seguida deu ao rosto da sua obra as apparencias do seu proprio rosto e tornou a monologar:—*Até tu cederás ao meu trabalho, quanto mais esse miseravel que ali se acha. E lançou um olhar colerico para o rei da Creação.*

E esse olhar refulgiu até no mais pequenino atomo do Oreo.

Depois o anjo orgulhoso colheu no Edem as candidas petalas de um lyrio e com ellas acapellou toda a imagem estampando-lhe, como hoje pela prensa copiadora, a côr dos lyrios. No rosto e nos labios a viva côr das rozas. Com a côr da noite, para contraste, tingia-lhe os olhos e os cabellos.

Isto por fóra.—O interior achava-se ainda vazio.

Com a palma da mão fez Lucifer na parte anterior do craneo da sua estatua, isto é, da arcada dos olhos para o alto da cabeça, — *uma depressão.*

Correu com os olhos o Eden. Parou-os no tigre e para a cabeça da imagem transportou-lhe a indole.

Apanhou uma serpente e enroscou-a no lugar do coração, a guisa de uma mola de relógio.

Na canna do figado aninhou-lhe um crocodilo. No estomago uma ema.

Na expressão dos olhos estampou o olhar de um sapo. Na postura do rosto a innocencia de uma rola.

O anjo vaidoso mirou a sua obra e pensou: «*Falta-te o fim!*»

Abriu-lhe a bocca. Nos d'ella collou os seus proprios labios e bafejou-a com força.

Foi este bafejo saturado de orgulho e vaidade.

Immediatamente a imagem moveu-se, respirou, olhou, andou e fallou. Lucifer imprimiu-lhe então ao som da voz a melodia de uma flauta tocada alta noite á beira do mar, sobre um rochedo em uma praia deserta, na hora de uma tempestade. Esquecia dizer que o anjo rebelde, de um gato arrancou as unhas e embainhou-as nos dedos rosados da sua imagem.

Prompta esta, pegou-a Lucifer pela mão, ou talvez pelo punho para não ser arranhado, e foi depol-a no Eden, junto do homem que dormia placidamente á sombra, é provavel, de uma frondosa mangueira. O resto sabe-se.

Chamam-na sol, lua, doce mel, flor,
Da criação a prima, excelsa maravilha,
Cofre de mimos, graças, de ventura e amor;
Mas do diabo a mulher é sempre filha.

24 de abril de 1870.

OBERON.

(*Estudante.*)

A PEDIDO

—Capitão, V. Ex. conhece uma cara que não toma côr?

—Conheço muito, porque?

—Eu lhe conto.

—O *Pae David* importou de Nantes um telão de estôpa (birkante que quer ter fumagás de engenheiro) o qual no lugar que não é *Queimado*, mettu-se nos mysterios d'*Eleusis*.... para não deixar só *Eleusines* divertir-se, elle passou a requestar sua escrava.... Luiza.

—Muxingneiro!

—Prompto!

—Prepara-te para ir ao Caes Dourado.

—O que devo fazer, capitão?

—Trazer aqui um Sebastião Alves, socio de um hotel que ali ha.

—Conheço-o; em um quarto de hora estou de volta.

.....
—Capitão, aqui está o maganão.

—Sr. Sebastião dizem que o Sr. faz do seu hotel um lupanar?

—E' falso.

—E' falso, diz o Sr. Como explica então um facto immoral que se deu uma noite destas, uma berrada que houve?

—Ignoro tudo.

—Então não foi em sua casa, que por arranjo seu, aboletou-se um vendelhão do nome Manuel, seu amigo, com certa dulcinéa e ali tencionou passar a noite; mas vendo a dona da casa do dito vendelhão que elle passava das horas, apresentou-se de navalha, fazendo com que Manuel se escondesse em baixo de uma cama e a rapariga se despe-nhasse pela escada abaixo?

—Não ha tal.

—Veja bem o que diz.

—Affirmo.

—Então no seu hotel não houve alarma, gritos d'aqui d'el-rei, descomposturas, e palavradas?

—Nego tudo.

—Veja la no que se mette, eu vou mandar isto pelo mundo, e si accaso for exacto, isto é, si o Sr. faltou a verdade, este rapaz que o foi chamar tem que se haver com o Sr.

Homens sem juizo.

Parodia á—Homens sem vintem,—que tambem é parodia á poesia de origem hespanhola—Almas sem amor.

Si um janota vês á tarde,
Dependurado á janella,
Da casa em que mora a bella
Até mostrar ar de riso:
Ai! amigo, não lhe dês palha,
Não toques o impertinente,
Pois quer seja ou não demente
E' um homem sem juizo!

Si, nas noutes de novenas,
Encontras de papelão
Algum boneco ratão,
De cabello muito lizo:
Ai! não falles, Aristharco,
Deixa o pobre passeante,
Pois alem de ser pedante
E' um homem sem juizo!

Si um sujeitinho galante,
De frak e calças a estoque
Vês, coitadinho! a reboque
Denotando pouco sizo:
Ai! amigo, empurra a vara,
Pois o janota d'agora,
Quer tenha ou não catimplora
E' um homem sem juizo!

Si vês, parado a um canto,
Um caixeiro de cobranças
Qual um heroe de finanças
Redondinho como um guizo,
A fallar em cambio, em alhos,
Em cebolas, em azeite:
Mette sem dó o cacete—
E' um homem sem juizo!

B.

VARIÉDADES.

Cousas inúteis.

Mulher velha e doente.
Gato cego.
Agulha sem fundo.
Foguete atacado.
Chinello rôto.
Padre estúpido.
Negociante usurario.
Colchão de defunto.
Campanhia rachada.
Amigo sem prestimo.

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artífices.

De conformidade com o disposto no art. 37 dos estatutos convi-lo aos Srs. socios, de ordem do conselho administrativo, a reunirem-se em assembléa geral, no domingo 7 do corrente, ás 10 horas da manhã, afim de discutirem os relatorios do 1.º e 2.º trimestre, e os pareceres da commissão de contas. Bahia 4 d'agosto de 1870.—O 1.º secretario, Joaquim Cassiano Hyppolito.

AMA DE LEITE.

Nesta typographia se dirá quem precisa de uma, sendo sadia e de bons costumes.

O abaixo assignado gratifica generosamente aquem prender, ou der noticia certa do lugar onde se acha o seu escravo João, nação ussá, estatura regular, 50 annos de idade, que fugiu no dia 24 do mez passado, levando vestido camisa e calça de algodão da fabrica, e uma trouxa com roupa de homem; costuma trabalhar de servente de obras de pedreiro, e de enxada em roça; veio a pouco de Itaparica, onde morava. O annunciante protesta uzar com todo rigor da lei contra quem o tiver acoitado. Pode ser procurado em sua casa n.º 35, a ladeira da Misericordia. Bahia 1.º de agosto de 1870.

José Arvellos Bottas.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 68.^a

QUARTA-FEIRA 10 DE AGOSTO.

N. 679.

Publica-se na typographja de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—15 rs. por serie de 10 numeros; 55 rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES. — Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latroapolis, bordo do Alabama
9 de agosto de 1870.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo que mande concertar ou demolir as casas de sua propriedade, sitas á ladeira da Misericordia, as quaes são occupadas por tendas de ferreiros, pois ameaçam desabar em razão de sea estado de ruina.

A Illma. que é tão prompta em mandar demolir as propriedades de particulares, quando não querem reedifical-as, agora que o raio cahiu-lhe em casa, deve cumprir o seu dever, affim de que não se tenha de lastimar alguma desgraça. Espera-se ser attendido.

—Ao Exm Sr. commandante das armas, reclamando contra o repugnante costume de alguns officiaes do batalhão, que se acha de guarnição á esta cidade, os quaes espancam publicamente os soldados, procedimento que, alem de desairoso e aviltante á classe militar, é incivil e desatencioso para com o publico. No dia 5 o official da guarda de palacio deu excessivamente em um soldado; na Corrêção, em dia subsequente, deu-se o mesmo caso; pelo que espera-se de S. Ex. terminantes ordens que façam cessar a repetição de tão censuravel abuso.

—A ideia da emancipação servil progride. A semente lançada no solo vae fructificando prodigiosamente.

—Como está V. entusiasmado!

—O commandante do vapor *Santa Cruz* da companhia Bahiana é um philantropo.

—V. que o diz, é que tem motivos.

—Não leu no *Diario* o que fez elle?

—Não.

—Em viagem dos Ilheus, alforriou, coadjuvado pelos passageiros, uma mulatinha de 4 annos, escrava do Sr. Joaquim Pereira da Silva Lobo por 1267 rs.

—Bella acção!

—Mas não é isso que me leva a tecer elogios ao commandante do *Santa Cruz*.

—Então por que é.

—Tenho as minhas razões.

—Não pode dizel-as?

—Posso.

O Sr. Maltez possui uma escrava branca; uma menina que lhe carrega os filhos na rua. Si elle é sinceramente entusiasta pela abolição do elemento servil, a ponto de promover a liberdade dos escravos alheios, pode muito bem dar uma prova desse nobre sentimento não consentindo que por mais tempo pese o jugo do captivo sobre aquella infeliz menina, sua escrava.

—De certo.

—Eis porque digo que o homem é um philantropo.

—Com tudo não é bom se antecipar. Deixe os foguetes para depois que a procição sahir.

Eu vejo muita gente por ahi que so faz cortezia com chapéu alheio.

—Não é nada, perde assim sem mais nem menos um homem a existencia; fica uma familia sem amparo.

O Sr. José Ferreira da Silva, morador ao Caes Dourado, falleceu no sabbado, dizem, victima de um engano.

Mandou preparar n'uma botica um remedio e, por falta de cuidado dos caixeiros, trocaram as substancias, o que deu causa a sua morte, debaixo de horriveis soffrimentos.

—Em outra parte já isso estaria em pratos limpos e a responsabilidade pesando sobre quem fosse culpado; porque a vida de um homem não é a vida de uma formiga.

—Os innumerados casos fataes, que se dão repetidamente, occasionados pela incuria e deleixo dos boticarios, já ha muito que devia ter despertado a quem deve velar pela vida do povo!

—Em Santo Antonio além do Carmo, alguns mal-intencionados dão-se a tarefa de

andar escrevendo torpezas e obscenidades sobre as portas de certas casas.

—Que infames!

—O subdelegado já colheu dous e mandou-os tomar fresco na casa de cachorro.

—E' preciso que não fique nisso; a lei deve se fazer sentir em toda a sua acção sobre as cabeças dos delinquentes, a fim de que as familias não continuem a ser atrozmente injuriadas.

—Brevemente não se poderá transitar nesta rua.

—E' o becco do Curiaxito.

—A quantidade de cisco promette obstruir o transito.

—O que eu não sei é como no centro da cidade, na primeira freguezia se deixa este foco de immundicie.

—Junto dos açougues, nas immediações de um mercado publico.

—Aqui ha de tudo: animaes mortos, colchões velhos, roupas porcas, lixo a dar com o basta.

—E o povo paga 44:000 \$ rs. para a limpeza da cidade!

—Que numero de pessoas assistiram a festa macarronica?

—Diz a *Reforma* que, povo propriamente, isto é, cidadãos sem sangue azul—trinta pessoas;

Fidalgos azues—quarenta e tantos;

Ministros, sobrinhos e negros—duzentos e seis;

Membros do corpo legislativo e conselheiros de estado—nove;

Uma brigada;

Alguns urbanos disfarçados;

Outros sem disfarce algum;

Cincoenta aguadeiros e outros tantos ganhadores de cesto.

—Foi uma festa de estrondo!

—Não houve no domingo, segundo foi annunciada, a reunião da assembléa geral da sociedade *Monte-Pio dos Artifices*, por não se ter reunido o numero de socios designado no art. 37 dos estatutos; pelo que o conselho resolveu que só se convocasse a assembléa quando estiver vencido o 3.º trimestre, para então submitter-se á approvação os relatorios dos trimestres já decorridos, visto a grande despeza de que é sobrecarregada a sociedade com publicações de annuncios de convocações.

—Capitão, estimei bastante encontrar V. Ex. por esses bairros, para lhe mostrar um

requerimento que um sujeito deitou no nicho de Santo Antonio da portaria da Piedade.

—Ora vamos lá com isso.

—Estire-se V. Ex. um pouco que o lê todo, porque no acto do cujo deital-o, o papel abriu-se, ficando o lado escripto voltado para fora.

—Leia V. que eu ouvirei.

—«Eu, Cosme, vos peço, a fim de alcançardes do Senhor Menino que tendes nos braços, que todos os templos desta cidade tenham sinos.....

—Pelo que vejo este sujeito é aspirante a sineiro.

—Não me interrompa, faz favor?

—Os apartes são permittidos.

—Ora ouça o final da petição que é o mais importante.

—Pode continuar.

—«..... e que até o fim do corrente mez me receba em matrimonio em uma das egrejas desta capital, pois já não posso opprimir a natureza, e quero a minha disposição siquer uma mulher.

«Agosto de 1870.»

—Que patifel! De maneira que elle deseja mais de uma mulher, e no caso que isso não possa ser, pede que Santo Antonio lhe conceda ao menos uma!

E' impossivel que este sujeito não seja zote.

—As irmans de charidade cegaram um homem.

—Como?

—Um doente da clinica do Dr. Pires Caldas. Por ignorancia applicaram no homem um remedio differente daquelle que o habil facultativo receitara e o resultado foi o infeliz ficar privado da vista.

—E' de lamentar-se!

—Eis em que dá a indesculpavel tolerancia de consentirem que essas mulheres inhabilitadas como são, exerçam illegalmente a pharmacia no hospital de charidade.

—Mulheres que, na França, a maior parte dellas, habitantes do quarteirão de Breda e outras quando muito, creadas de alguma actriz, sem a menor applicação scientifica, chegam aqui e se arrojam até a praticar uma sciencia que a lei manda que ninguem possa se dar á ella sem primeiro dedicar se a tres annos de estudos especiaes, a fora os preparatorios!

—E todos sabem, veem e calam-se!

—Si aquelles que estudam e são laurea-dos por uma academia erram, o que não succederá com mulheres sem habilitações e que, cansadas das alternativas mundanas, se recolhem ao instituto de S. Vicente, onde se trata mais de rezas do que de estudos scientificos?!

—O caso é que ha medicos que receitam para ellas manipularem; que ha uma policia medica que vê esse menoscabo á lei do paiz, esse perigo para a vida humana e calla-se!

—Que de incalculaveis e fataes acontecimentos não podem resultar de exercerem as irmans do charidade a profissão pharmaceutica sem estarem competentemente habilitadas?!

—Acham pouco que ellas tão despoticamente disponham por tantos meios dos destinos daquella casa legada pelo espirito de beneficencia ao socorro da desgraça, e de onde se fizeram senhoras absolutas, que ainda é preciso lhes entregar tantas vidas á sua impericia e ignorancia?

—Entraram com bom pé nesta terra semelhantes mulheres!

A ellas não ha nada que se lhes não conceda. Não ha deferencias a que não tenham jús.

—Mudaram a essencia do hospital de charidade para uma casa de apparatus, para sucursal de seus interesses.

As dores e os soffrimentos da humanidade ali passam indifferentes.

—Entre-se no hospital da misericordia, olhe-se para o chão e o envernizado do soalho deslumbrará. Chegue-se a qualquer leito e não é preciso perguntar ao infeliz que o occupa a quantos dias tem no corpo a camisa, por que o asco e repugnancia que inspiram responderão. Ha doentes de cirurgia que vestem uma camisola vinte dias e um mez!

O medico receita; muitas vezes dois ou tres dias depois é que o doente toma o remedio, á pretexto de faltar isto ou aquillo; isto quando toma.

Si pelo aborrecimento da molestia o enfermo enfastiou se de carne cosida ou gallinha e o medico lhe prescreve na dieta carne assada, não dão, porque, dizem, não se hade fazer carne assada para um so!

—Commettem mil absurdos, enxotam, quando lhes apraz, os infelizes enfermos, dão toda sorte de regalias a seus patricios que entram no hospital, em quanto os nacionaes são tratados como despresiveis cães e para cumulo de tudo, matam o povo praticando contra a lei uma sciencia para a qual não estão preparadas.

LÁ VAE VERSO

Paradoxos baptismaes.

Ha quem teime que os nomes tem logica
E que encerram verdade infallivel,

« Eu sustento que mil nomes proprios,
São improprios o mais que é possível! »

Sem passar dos amigos mais intimos,
E do exame da propria familia,
Vou expor as razões que produzem
Contra os nomes a minha quisitia!

Tenho um primo que sempre foi pobre,
Sempre léso e gottoso sem cura!..
Pois não tendo nem corpo, nem alma,
Inda em cima se chama—VENTURA!

E a panthera com quem fui casado,
Sem embargo da minha paciencia,
Tinha dias que até me ia ao pello...
E ousava chamar-se—PRUDENCIA!!!

Meu padrinho—juiz d'alta fama,
Fino engenhe, talento robusto!
Quando a parte não larga bons cruzios,
Do direito faz torto, e é—JUSTO!

Minha tia, que as leis não tributa,
E' COLETA!... e coleta pesada!
Minha avó quem nem mais se levanta,
Sem tugir, nem mugir, é—BERNADA!!!

Sei d'um homem que tendo até mortes,
E' CLEMENTE!.. em logar de ser NERO;
E sei d'outro—piegas convicto,
Que apezar de banana, é—SEVERO!

Minha sogra, viuva tres vezes,
E matrona de grande exp'riencia,
Tendo jus a já ser jubilada,
Continúa a chamar-se—INNOCENCIA!

A sobrinha do meu boticario,
Ha dois dias sahida da infancia,
Tem ja tido quarenta namoros,
P'ra melhor comprovar que é—CONSTANÇA!

Meu irmão chucha quinze ordenados;
E' da gloria, e das bellas bem quisto;
Si entra em sortes—tem sempre melgueira...
E com tudo o patife é—CALIXTO!!!

Sei tambem d'uma preta que é—BRANCA!
E o que é mais!.. porem devo dizel-o!..
Um anão eu conheço que é—MAXIMO!..
E um distincto doutor que é—CAMELLO!!!

Eis aqui porque a marca do fardo
E' razão que ninguem fé consagre!
Eu em vendo—BOM VINHO—n'um distico,
Não vacillo—ja sei que é—VINAGRE!

Joaquim Augusto de Oliveira.

A PEDIDO

—Capitão, a epocha é dos homens de pernas vermelhas.

—Mas como se entende isto?

—Eu me explico. Ha um interrogatorio na freguezia do *Segura Paredo* de uma moça menor desflorada, a qual declarou que fôra um *senhor prebendado* quem lhe fez a charidade.

—Que immoralidade!

—Escute mais. Prometteu dar-lhe casa, dinheiro, *mundos e fundos*, e a menina, pobre coitadinha, cahiu no laço.

—E' uma offensa a moral que deve ser punida.

—Que duvida; e o caso está bem serio, porque a desflorada já foi levada á presença do Dr. chefe de policia, o qual parece não estar disposto a deixar o crime impune.

—Ou tudo isso será calumnia, homem?

—Não, capitão, juro-lhe pelo *Cruzeiro de S. Francisco* em como o caso é verdadeiro.

—E são estes os ministros de uma religião santa e pura!...

(*Continúa.*)

A festa macarronica.

TRECHO DA CANTATA DE FIORITO.

«Muritiba! Muritiba!

«Tu não vês que o pobre imperio

«Stá mesmo na pindahyba,

«Não vale o peso que tem?

«Como, pois, o ministerio

«De dez réis de mel coado,

«Inda commette o peccado

«De nos pedir um vintem?

Duas pretas de ganho invadindo o barracão.

A do tableiro de bananas.—Uê!... blanco não sabe fazê cõsa denreto.

A do tableiro de quiabos.—Uá! E euma nosso entra aqui sem biêta e só por orde de sordado?

(Entra uma troça de garotos e derruba o tableiro de bananas.)

A dona das sobreditas.—Passa fora!

Os permanentes ajuntam as bananas; mettem no bolso algumas, comem as outras e lançam as cascas no centro do barracão.

Cessa o *Te-Deum* e sahe o Sr. Itapagipe.

O general escorregando n'uma casca de bananas.—Viva o barracão!

Motte,

*Politica e agiotagem,
São industrias no Brazil.*

GLOZA.

Neste paiz a voragem,
Que bem nota o estrangeiro,
E' egoismo, captiveiro,
Politica e agiotagem...
Nelle só tem lomenagem

O despota, tyranno vil...
Que possuir contos mill...
Pois despotismo, cynismo,
O orgulho e egoismo,
São industrias no Brazil.

VARIÉDADES.

Achava-se um homem de consideração gravemente enfermo e mui gravado de dividas; veio o confessor, a quem elle consternado disse:

—Si Deus me quizesse dar vida até eu pagar as minhas dividas, que consolação não teria a minha alma!

O confessor enternecido para animar lhe responde:

—E' natural que Deus lhe prolongue a vida para um tão santo fim.

O doente então, como respirando, exclama:

—Ah! meu padre, si isto é assim, eu creio que vou ser immortal.

Si é verdade não sei.

Li, ha tempos, que o chefe dos Mormons, Brigham-Young, era senhor de 185 mulheres!

Teve 245 filhos dos quaes vivos só existiam 243!

Que exercito para povoar agora o Paraguay!

Resposta cathgorica.

Um côxo encontrando um corcunda disse-lhe para escarnecer da sua giba:

—Então não trazes nada de novo nessa moxila?

Respondeu o corcunda:

—Tu è que debes saber as novidades, pois andas sempre de uma banda para outra.

ANNUNCIOS.

O abaixo assignado gratifica generosamente a quem prender, ou der noticia certa do logar onde se acha o seu escravo João, nação ussá, estatura regular, 50 annos de idade, que fugiu no dia 24 do mez passado, levando vestido camisa e calça de algodão da fabrica, e uma trouxa com roupa de homem; costuma trabalhar de servente de obras de pedreiro, o de enxada em roça; veio ha pouco de Itaparica, onde morava. O annunciante protesta uzar com todo rigor da lei contra quem o tiver acoitado. Pode ser procurado em sua casa n.º 35, a ladeira da Misericordia. Bahia 1.º de agosto de 1870.

José Arvellos Bottas.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 69.^a

SABBADO 13 DE AGOSTO.

Ns. 680—681.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES. — Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
12 de agosto de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que no dia 10 do corrente no mercado de Santa Barbara o açougueiro Lino espancou atrozmente a uma mulher, esbofetando-a, atirando-a ao chão e calcando-a debaixo do pés, pelo motivo, segundo diz a offendida, de lhe ter o offensor vendido libra e meia de carne por duas libras e ter ella reclamado contra a fraude.

E' extraordinario que, n'uma cidade como esta, se pratique nas praças publicas impunemente e sem o menor obstaculo, factos de semelhante ordem!... pelo que leva-se ao conhecimento de S. S., na certeza de que fará recalhir sobre o delinquente os effeitos da lei.

—O que o traz por aqui, meu charo?

—Um factio estupendo a communicar a V Ex.

—Diga o que sente.

—Domingos José Martins, dominado de libidinoso appetite, entendeu qué devia estrupar uma criança de 4 para 5 annos!

—Arre, que bruto!

—Esse heroe habita na Estrada, na rocinha do finado Barros. Segunda feira á noite, entrou no aposento de uma creoula, tambem ali moradora, a qual havia sahido; encontrando a criança so, apagou a candeia e poz em execução seu abominavel projecto!

Aos gritos da innocente acudiu gente que o encontrou forcejando para realisar seu nefando intento.

—Que perverso! que besta humana!

—A abjecta creatura, vendo frustrados seus brutaes desejos, teve o cynismo de declarar que entrara ali somente em procura de uma *sécca* para comer!

—Ora pode se dar mais abjecção, mais malvadez na especie humana!...

—O guloso comedor de seccas se acha en-

tregue aos cuidados do Sr. Dr. chefe de policia, que, quando nada, pode mandal-o engrossar as fileiras do 14.

—Capitão, nós vivemos no meio de brutos ou entre creaturas humanas?

—Consulte sua propria consciencia.

—Mas eu vejo cousas que me fazem vacillar.

Cahe um homem n'uma praça publica, inanimado, sem dar signal de vida, e depois estrebucha em horriveis contorsões, debate-se sobre a lama, uma immensa turba presencencia o doloroso espetaculo e ninguem o soccorre!

Não parece uma terra de christãos!

—Hoje por mim, amanha por ti.

—Como é que se dando um caso destes ao pé de uma guarda e alguém indo pedir ao commandante que consinta para ali transportar-se o infeliz, o humano official responde que deixe *levar o diabo*, que em negocio de paisano soldado não se mette?

—Mas isso aconteceu ou é ficção de sua imaginação?

—A pura realidade; succedeu na quarta feira ás 5 horas, com um homem que subiu a ladeira do Pau da bandeira sem dar signal de incommodo, ao chegar a Praça, de repente, volteou sobre si e cahiu.

—Mas absolutamente ninguem o soccorreu?

—Depois de algum espaço, algumas pessoas penalizadas o levaram para os arcos da camara, onde lhe prestaram alguns cuidados, que o fizeram tornar a si, até que chegou o subdelegado e o mandou conduzir ao Campo da Polvora, onde mora.

—Ja V. por abi vê que o amor do proximo não está de todo arrefecido, como diz, que ainda existe nesta terra spirito de charidade e almas bem fazejas, que se condoem do sofrimento de seus semelhantes, assim como temos authoridades que acodem prestes aos reclamos de ordem publica.

—O desditoso a quem as irmans de charidade roubaram a luz dos olhos, por estupidez

ou deleixo, chama-se Gaudencio Coelho, é official de funileiro, morador na freguezia de Brotas.

—E, agora privado dos meios de subsistencia, terá de mendigar para viver!...

—Consta que o facultativo recoitara atropina e ellas arrumaram com acido sulphurico nas pupillas do homem.

—Quo desgraça!

—E continuam a ser pharmaceuticas, com estes exemplos e os que não se sabe!

—Capitão, um facto, que todos devem lamentar, occorreu ante-hontem á noite.

—Alguma desgraça?

—Verdadeiramente uma desgraça.

—A mão perversa de um escravo procurou encurtar os dias do Dr. P. A. Moreira Villa-boim, propinando lhe veneno no chá.

—E ainda ha quem não deseje ver extinto esse cancro da escravidão!

—A escravidão é um perigo imminente para a sociedade, um facto repugnante e incompativel com a civilisação dos povos.

—De todo coração penalizado, faço votos para que a vida do illustre magistrado saia salva da catastrophe por que acaba de passar.

—Veja até onde vae o desmarcado orgulho das irmans de charidade.

No hospital ha um empregado que serve de scripturario e escreve os pedidos daquillo que o estabelecimento precisa.

Sucedeu que adoecesse repentinamente e, por esse motivo, não havendo naquelle dia quem escrevesse, foram os doentes condemnados a ficar sem carne no outro dia, porque as irmans de charidade, em sua vaidosa susceptibilidade, entenderam que se rebaixavam escrevendo ellas o pedido!...

—Que desabalada altivez!

Preferir ver uma immensidade de infelizes a estalar de fome á escrever duas linhas em um papel!

—E essas mulheres, levadas por presumçosa bazofia, alardeiam ter por missão praticar na terra as virtudes ensinadas por um Deus, que em sua humildade lavou os pés dos indigentes e chagados, quando ellas, para não terem um pequeno trabalho, concorrem para augmentar o soffrimento de tantos infelizes desherdados da sorte.

Eram 5 da tarde e não se havia dado providencias para que no outro dia houvesse carne para os doentes, nem as charitativas irmans de charidade com isso se aba'avam. Quiz a Providencia que um mordomo soubesse do que se passava e mandasse seu filho fazer as vezes de escripturario, para que no dia seguinte os

doentes, alem de seus padecimentos, não soffressem as torturas da fome.

—E os apologistas das taes mulheres alcanham de humildes e puras, quando não só se vê a soberba de Satanaz!

—Como não ha de a gente do olho-vivo andar desassombrada, si os auxiliares da policia pactuam com os ladrões!

—Homem, V. as vezes sahe-se com cada uma bem dura de crer-se!

Si não fosse a confiança que lhe tenho, dizia que é um refinado mentiroso.

—Eu nunca fallei tanta verdade..

—E' preciso que explique-se.

—Vapor, é um rato na extensão da palavra, um larapio audacioso e astuto, o agente-rector da famigerada companhia do olho-vivo.

Por meio de cavillações, levou uma africana que possuia 800\$ rs., para libertar um filho, ao Maciel, á morada de Cypriana, creoula, que dá sua casa para traficancias e jogos fraudulentos.

A' espera da preza já se achavam ali reunidos, fazendo parte da licita companhia um agente secreto da policia do Illm. Sr. Dr. Antero de Assis.

A preta foi despojada de 450\$ rs., não por meio dos taes jogos dolosos, mas arrancados violentamente, e o agente da policia que com sua assistencia legalisou essa louvavel empalmação teve 30\$ rs. de estia.

—Acho que lhe deram pouco.

—Havia mais com quem dividir.

—Foi o peor, porque o homem tambem é vivente e tem barriga como qualquer outro.

—Estes officiaes do 14 são amigos de dar pancada!

Na terça-feira o commandante da guarda de palacio esmurrou o soldado que estava de sentinella na porta do Calundú, as 5 horas da tarde, chamando-o negro e descarado!

—Eu acho isso tão feio!

—Unicamente por que o pobre homem estava de costas para a rua.

—Não sei com que direito commettem tamanha infracção dos regulamentos militares.

—E' verdade que no batalhão ha soldados de procedimento pessimo.

Andam alguns sempre ebrios e jogam até nas ruas; a noite fazem das escadinhas da camara ou dos assentos do pau da bandeira banca de jogo.

—Mas não é por meios tão improprios que so pune, nem é para corrigir essas faltas que elles espancam os soldados em qualquer logar.

—Meu amigo, o que quer que lhe faça?

Diz o Sr. que o homem era pobre como Job; morreu e não tinha real para enterrar se. Vm. por obra de compaixão foi ao vigário expoz-lhe isso mesmo, pediu, rogou, para que elle dispensasse os direitos parochiaes, o digno pastor de almas não quiz estar por isso, exigiu 10\$ rs; estava no seu direito; é deste ramo de negocio que elle vive.

—Mas é falta de charidade christã; as obras de Misericordia mandam dar sepultura aos mortos.

--E a barriga meu charo?

—Mas capitão, o padre impoz o preço de 10\$ rs. e poz-se duro sem abater um real, sabendo que o morto nada tinha e que por esmola é que o iam enterrar.

--O caso é que não ficou em casa.

—E' verdade; mas Deus é que sabe o sacrificio que eu e alguns camaradas fizemos para enterrar ao malfadado José Joaquim do Sacramento.

—O Sr. queixa-se da avareza do padre, este allega em seu favor o direito que lhe assiste e a necessidade que tem de manter a si e a meia duzia de comadres e afilhados que por piedade sustenta, não sei quem tem razão.

—Nossa Senhora da Conceição da Praia por ser a mais milagrosa, dê razão a quem tiver.

—E va-se bem consolado.

—Na quinta-feira a crioula Epiphania, ganhadeira de peixe, foi ferida gravemente na Barra, por uma outra crioula que arremessou-lhe com uma porcellana sobre o rosto, do que resultou abater-lhe a parte esquerda do labio superior.

Dizem uns que dera causa motivos de ciúmada e a offendida que fôra cobrar dinheiro de peixe, que fiara, ao amasio da offensora e esta julgando que ella o procurava para negocios de outra ordem lhe arremessara o prato.

—Quantos convites se fizeram, Sr. ministro da guerra? perguntou S. M. ao barão de Muritiba.

—8,000.

—Mas como está o templo vasio?

--Não sei, senhor.

—Para que aquelle circulo de soldados ali ao derredor do barracão?

—Para prohibir a invasão da canalha.

—Mande retiral-os e franqueie o templo a todos que quizerem entrar.

Dito e feito.

As sentinellas sahiram de seus postos. Os aulicos desceram á praça, e poucos instantes depois estava o barracão pleno, não de fardas bordadas, calças azues; mas paletots pardos;

mangas de camizas, pretas minas, taboleiros de bananas, troça de gallegos, *et magna comitante caterua.*

E aquelles convites eram intransferiveis, e aquellas galas recommendadas, e aquellas entradas e sahidas privilegiadas pelos ares, desapparecidas como o fumo dos foguetes.

O que valeu foi a brevidade do Te-Deum; mas durante esses pequenos quartos de hora o espirito de sua magestade imperial devia ter soffrido intimas e dolorosas agonias.

—E assim despenderam se 200:000\$ rs., alem de egual quantia sahida dos eventuaes do nosso orçamento!

Noticias do ceu.

Quando Saint-Beuve, agora, depois de morto e enterrado, chegou ao outro mundo, rodeiou-o logo, como era de esperar, uma chusma de curiosos, que desejavam saber noticias frescas do que se passava por ca.

—Saint-Beuve, oh! Saint-Beuve, bradavam-lhe amigos e inimigos, indifferentes e desconhecidos, o que trazes de novo?.....

E depois de bem scientes dos movimentos politicos, passou um defunto mais bem informado, a interrogal-o sobre os negocios da egreja desta maneira.

—E o concilio?

—No concilio ha de se discutir, segundo creio, a questão do *patrimonio de S. Pedro.*

O porteiro do ceu, de chaves em punho, não dava attenção á palestra; mas, ouvindo o seu nome, levantou a cabeça.

—Que é lá isso? perguntou elle.

Saint-Beuve complimentou.

—Estava fallando do patrimonio de S. Pedro.

—Então eu agora tenho patrimonio?

--E dinheiro tambem, segundo parece, tornou Saint-Beuve sorrindo-se. Eu tenho ouvido fallar no *dinheiro de S. Pedro.*

O apostolo ergueu-se indignado.

—Dinheiro de S. Pedro! Saiba o senhor, que entrou no ceu, nem eu sei como, que eu nunca tive nem mealheiro. O meu dinheiro era o dinheiro dos pobres. O ouro que me passasse pelas mãos, transformava-se em allivio dos miseros e dos enfermos. Dinheiro de S. Pedro! Então lá na terra ja não se leem as minhas epistolas? Não disse eu aos pastores das almas, na epistola I. capitulo V. versiculo II: Apascentae o rebanho de Deus que está entre vós, tendo cuidado d'elle, não por força; mas espontaneamente segundo Deus: nem *por amor de lucro vergonhoso*; mas de boa vontade? E ha quem mo atire com dinhei-

ro ás faces!... E o patrimonio do S. Pedro! isso o que vem a ser?

—Vem a ser Roma e os estados da egreja, Sr. S. Pedro, que os vossos successores possuem.

—Ah! os meus successores apanharam a herança de Nero, e chamam-lhe patrimonio meu? Muito bem! já me confundem com a besta do Apocalypse! Saiba que o meu patrimonio não foi nunca sinão o bordão do peregrino, e a cruz do glorioso martyrio. Nunca tive de meu no mundo sinão os sete palmos de terra em que me enterraram o corpo. Não conquistei os estados; mas conquistei as almas com a palavra de vida, e foi essa a herança que leguei aos meus successores. Quando eu residi na capital do imperio, Roma e o Capitolio, o Colysseu e o Fóro eram o patrimonio dos Cezares; mas as almas redimidas pelo Evangelho, consoladas pela minha voz, illuminadas pelo clarão do Golgotha, purificadas pela fé, espelhos immaculados em que se reflectia o ceu, eram o patrimonio do humilde pescador. O que chamaes estados da egreja era patrimonio de Nero, o doce imperio das almas o patrimonio de S. Pedro.

—Senhor S. Pedro, socegue!

—Nada! Eu quero deslindar isso. Vou já d'aqui ao concilio.

—Eu não desejo dar-lhe conselhos, acudiu Saint-Beuve, mas no seu caso não ia.

—Porque?

—Porque pode soffrer alguma desfeita.

—Eu!!!

—Vossa santidade mesmo. Ora diga me, está disposto a votar a infallibilidade do papa?

—A infallibilidade do papa! Que novo atrevimento é esse?

—Queira vossa santidade responder.

—O que! Então eu, S. Pedro, que não me tenho na conta dos peiores santos que por cá existem, tão pouco infallivel fui que reneguei Christo tres vezes antes de cantar o gallo, e os meus successores querem julgar-se melhor do que eu! A fraqueza humana fez com que eu renegasse o meu divino mestre, e elles teem a audacia de se imaginarem tão fortes que nem uma so vez o reneguem! Ai, Deus do ceu, introduziu-se na egreja o orgulho de Satanaz! Vou ao concilio, não ha remedio.

—Não vá, acudiram todos em côro de afflicção, não vá que o poem fora como herege.

A isto é que S. Pedro não resistiu, largou as chaves, largou o posto, com grave risco de entrar no ceu, ou o padre Claret, ou Luiz

Veuillot, e foi a correr lançar-se aos pés de Christo.

—Senhor, disse elle; como a egreja está, que eu corro perigo de ser considerado herege!

—Tambem eu, meu pobre S. Pedro, respondeu Christo sorrindo-se. Porque eu disse: bem aventurados os pacificos, e o papa tem soldados; porque eu disse que um rico difficilmente entrará no reino do ceu, e o Vaticano é opulento; porque eu disse: si alguem te ferir na face direita, offerece-lhe tambem a outra, e a historia da egreja, que tem na primeira pagina o Calvario, tem na derradeira Mentaná; porque eu disse: bem aventurados os misericordiosos, e o papa condemna a morte. Já vês pois, que a minha doutrina é considerada falsa. Eu trouxe liberdade ao mundo, e a egreja divorcia-se da liberdade; eu fui a mansidão e o amor, e na egreja a violencia impera; eu repelli todos os reinos da terra, e o meu vigario é rei. Ai! S. Pedro, nos tempos da primitiva egreja estava o mundo profano sepultado nas trevas da devassidão e do erro, e era do fundo das catacumbas christans que surgia a luz serena a illumimar as almas; das catacumbas brotou a cathedral radiosa, mas corrompeu-se cá fora, e, em quanto no mundo continúa, a minha luz, a luz da verdade, a esclarecer os corações e os espiritos, é no templo em que dizem adorar-me que se refugia a sombra.

E uma lagrima deslisou pela face augusta de Christo; caindo, ficou suspensa na abobada azulada, e logo uma nova estrella se accendeu nos paramos celestes.

Ai! não será essa infelizmente a alampada do concilio.

Pinheiro Chagas.

LÁ VAE VERSO

Porque será?

Mas que muito, si ha gente e gente grave.
Que em seus olhos não vê nem uma trave?
BOCAGE. — Fabulas.

Porque será que os poetas,
Si não todos, grande parte,
Só fazem versos por arte,
Com lamurias indiscretas?

—E' porque são uns patetas,
Sem instrucção nem talento,
E como sem sentimento,
Dizem que nasce a poesia,
Porque ella os não auxilia,
Recorrem ao fingimento.

Porque será que os doutores,
A' cabeceira do enfermo,

Discursos fazem som termo,
Com termos atroadores?

—E' porque são impostores,
Porque a sciencia é impostura;
E é mister que a creatura,
Que os chama, nunca os entenda,
Do contrario foge a renda,
Morre a fama, antes da cura.

Porque será que as gazetas,
Tendo espias vigilantes,
So dão aos seus assignantes,
A engulir duras petas?

—E' porque são taboletas
Onde illudo a falsidade,
E se occultando a verdade,
Lucra sempre o lisongeiro,
Mentindo ganham dinheiro
Em nome da LIBERDADE.

Porque será que valente
Em tempo de paz se mostra,
O militar que se prostra
Quando o inimigo presente?

—Porque em rapido incidente
Pode affectar desaforo,
Sem nada arriscar no jogo,
Que em vez de fogo dá fumo;
E as balas que andam sem rumo,
Em vez de fumo, tem fogo.

Porque será que os taludos,
Do commercio na carreira,
Sempre são na maroteira
Mais felizes que os miudos?

—Porque passam por sisudos]
Entre os mais negociantes,
Que suppondo-os importantes,
Dão mais e seguram menos,
E so temem dos pequenos,
Que sempre julgam tratantes.

Porque será que ao governo
Subindo, os ambiciosos,
De projectos fabulosos
Tem sempre cheio o caderno?

Porque um sentimento interno
Ao dolo e fraude os instiga,
E como tarde os castiga
Negra pagina da historia,
Tem o dinheiro por gloria,
Tendo por patria a barriga.

F. X. de N.
(Continúa.)

A PEDIDO

—Capitão, venho fazer a V. Ex. uma re-
cla mação.

—Em que sentido?

—V. Ex. foi victima de uma engano, que
so espiritos prevenidos lhe poderia pregar e
na boa fê a estampou no seu conceituado pe-
riodico de quarta-feira 10 de agosto.

—De que se trata?

—Trata-se de uma publicação relativa
a alforria de uma mulatinha de quatro an-
nos de idade, escrava do Sr. Joaquim Pereira
da Silva Lobo, a qual foi liberta no vapor
Santa Cruz, em viagem para os Ilheus.

—Então não é exacta essa noticia?

—A noticia é toda exacta, mas foi desvir-
tuada neste periodo:

«O Sr. Maltez possui uma escrava branca;
uma menina que lhe carrega os filhos na rua.
Si elle é sinceramente entusiasta pela abo-
lição do elemento servil, a ponto de promo-
ver a liberdade dos escravos alheios, pode
muito bem dar uma prova desse nobre senti-
mento não consentindo que por mais tempo
pese o jugo do captivo sobre aquella infel-
liz menina, sua escrava.»

Ora, o Sr. Maltez é casado; mas não tem
filhos, nem legitimos, nem mesmo naturaes;
assim como não possui escravos pretos,
quanto mais brancos!

Agora que elle é amigo da emancipação
servil, é e tem orgulho em o ser, é verdade.

Elle não costuma fazer cortezia com o cha-
peu alheio, quando as faz, é com o seu.

—Bem: vou mandar syndicar da veracida-
de deste facto.

De um padre a concupiscencia,
Quanto barulho tem feito,
Vejam os homens sensatos
Da corrupção o effeito.

Mercos de Deus desprezaram,
Procuraram um desterro.
P'ra dominar com mais força
Vaidoso poder do erro.

Não convêm por forma alguma
Ser mais o procurador
Um herege, que ha de ver
Gozar-se os mimos de amor.

Ajuntou-se uma trindade,
Composta de bons varões,
Ou para melhor dizer
A trindade dos barrões.

O abutre teve a palavra,
E se aclamou vencedor,
E disse ao pombinho: vivam
Os nossos planos de amor.

Eu tenho duas pombinhas,
São irmans, mas não faz mal,
Quero que gozes tambem
De uma sorte a minha equal.

Concupiscentes senhores,
Nos somos de todo o mundo,
Tudo faremos por tanto
Com saber o mais profundo.

Suspendam-se as abbadessas
Que ousarem recalcitrar,
Haja o diabo nos campos,
Pombinho ha de triumphar.

E os campos cheios de espinhos
Começaram a ferir,
Porem os homens sensatos
Com vil desprezo a sorrir.

Eis ao que está reduzida
A nossa religião,
A um vasto campo de orgias
Onde se ceva a paixão.

—*Eleusinies*, gostava *metter* o deboche no pagode, ora este era magnifico e quem conseguia *metter dentro*, queria continuar.... as vistas dos altares eram mudadas; mas *Eleusinies* não deixava o adonis de Luiza gozar do incenso branco; ora quem tinha costume de esfregar *estopa*, estava satisfeitissimo com a catinga de quem no fim de algum tempo deu a luz á mulatinha *Engracia*.

—*Eleusinies* vendo a semilhança do *birbante* com *Engracia*, teve um acesso de raiva e pellou com agua quente a cabeça de sua escrava Luiza.

(Continúa.)

Illm. Sr.

Tenho a honra, senhor, de dar-vos parte
De que a vinte e oito do corrente,
O commando assumi da *Salamandra*,
Curveta mui galharda e mui valente.

E portanto accitae deste marujo
A promessa de ser-vos dedicado
Em tudo o que estiver ao seu alcance,
O' capitão excelso e denodado.

O meu immediato é o *Pereira*,
O *Carvalho*, é o bicho da cozinha,
Tenho por commissario o *Zé-Roberto*,
E o—*aquillo* mór—é o *Mainha*.

Tenho cincoenta e quatro marinheiros,
Dous patrões, dous comitres, dous tambores,
Seis artilheiros, duas baterias,
Cinco botes e treze remadores.

Tenho ainda um porão bem acciado
Para prisão de certo *alambiqueiro*,
Tenho bons cabos e amarras grossas
Para dar boas surras no *bregeiro*.

Tenho tudo, porem do vosso auxilio
Careço, como as flores do rocio,
Pois bem sabeis que um novo marinheiro,
Não deve assim entrar em qualquer rio.

E' tudo quanto tenho a declarar-vos,
O resto ficará para mais tarde,
Valente e denodado marinheiro,
E capitão sublime a quem—Deus guarde.

Latronopolis o bordo da *Salamandra* em 29 de julho de 1870.—Illm. Sr. capitão commandante do *Alabama*.—*Franglis Miz*, capitão de mar e guerra.

Horror! infamia! cynismo!

E' a decifração que pode ter o urdido trama do malfadado botequim denominado—*Café do Club*, ao largo do Theatro.

Quem poderia prever jamais que um moço, a quem um amigo dedicado lhe prestou innumeraveis favores, como bem poucos o negação, fosse o proprio que, abusando da *imprudencia* de tanta protecção, cynicamente tramasse, e sua mãe, a venda supposta ou fantastica do mesmo botequim, para com isso escaparem artificialmente á perseguição dos credores da mesma casa.

Onde já se viu um pae que não authorisou seu filho a entrar em transacções querer dispor daquillo que reputa do dominio d'elle, adquirido por meio de giro commercial!

Só na Bahia; mas aqui temos juizes rectos que sabem distribuir justiça a quem direito tem; porem as vistas deste trama, entre filho e mãe, foi tão somente para darem a queda no *negro* (palavras textuaes) que, ha' quatro para cinco annos, tomou sobre sua protecção a um ingrato.

Não importa; alguém por cuja causa se se commette todas essas urdiduras, dia virá que como outros terá arrependimento de ter conhecido tão boa raça.

A pessoa que ora é victimada ainda espera ter occasião de matar a fome aos que tão negramente lhe pagaram os beneficios.

Estes tem tanta consciencia do papel que estão representando que, ainda na quinta-feira, no forum, perante um auditorio de pessoas conceituadas, disse o Sr. O. S. Bandeira ser a venda deste botequim toda fantastica, por ter visto no domingo anterior, na casa da residencia da mãe e filho, dizerem que havia 1:000\$ rs. para se gastar com a sustentação da venda simulada do botequim, caso o *negro* reagisse.

Muito bem!..... isto é quanto basta para provar-se melhor os embargos que estão sendo sustentados pelo juizo da 1.^a vara, ate que possamos entrar no amago de toda esta ladroeira.

O victima.

A' Francina.

EU QUIZERA.

P'ra calçar o lindo pé
Do mimoso cherubim,
Eu quizera ser sapato
Ser sapato de setim.

E quando a briza do prado
Lhe afaga a face louçan,
Eu quizera ser a briza
Ser a briza da manhan.

Si uma rosa lhe orna as tranças
Tão negras como nankim,
Quem me dera ser a rosa,
Ser a rosa do jardim!

Eu quizera ser romance
Para por ella ser lido,
Quizera ser o babado
Babado de seu vestido.

Quizera ser agulheiro,
E liga quizera ser,
Ou alfinete ou agulha,
Agulha d'ella coser....

Tudo quanto ella deseja,
Tudo quanto ella procura,
No jardim, no *toilette*
Ou seu cesto de costura.

Tudo quanto ella deseja
Si eu fosse rei lhe daria;
Gloria, amor, honra, riquazas
A' seus pés collocaria.

Os seus menores desejos
Quizera satisfazer;
Adoral-a toda a vida,
E satisfeito morrer.....

Mas ah! que não sou sapato,
Nem sou a brisa fagueira!
Sou um triste enfeitado
Por tamanha feiticeira!

Não sou rosa, nem romance,
Nem babado de vestido;
Sou louco, cego de amor,
Em phantasma convertido!

Não posso ser agulheiro,
Nunca em liga me hei de ver;
Sou espectro, sou vizão,
O que sou... nem sei dizer!

Ser alfinete é impossivel,
Agulha nunca serei;
Minha sentença está dada,
Penando sempre estarei!

M. A. Pereira.

VARIÉDADES.**Nem tudo que luz... é prata.**A seguinte historia, referida pela *Liberte*,

si não é verdadeira, no que não nos metteremos, tem por certo o merito de aviso aos credulos para que não tomem levemente as cousas como ellas na apparencia se lhes mostram.

Ha cousa de quinze dias, conta aquelle jornal, um desconhecido pediu hospitalidade n'um casal dos arredores de Bagnolet. Deram-lh'a. Passadas algumas horas, accordou parecendo seriamente incommodado, e em razão disso teve de ficar no casal durante quasi uma semana. Achando-se finalmente restabelecido, informou a seu hospedeiro deque durante a sua doença sonhara tres noutes consecutivas que em certo barrocal, não longe da casa, e debaixo de uma especie de rochedo, tinha descoberto uma panella de barro contendo grande quantidade de dinheiro.

O dono, do casal, velho e credulo, arregalou os olhos de surpresa e cubiça, com a idéa de que tinha tão perto de si um thesouro de tal ordem.

Passado pouco, caminhando ambos na direcção do barrocal, trouxe outra vez o desconhecido á ellecção o seu sonho. O dono do casal propoz então uma busca immediata, para satisfazerem a sua curiosidade; a proposta foi aceita e metteram mãos á obra.

Com grande espanto de ambos, encontraram com effeito um vaso de grés cheio de dinheiro, contendo 900\$ réis em moedas de prata. Transportaram-o em segredo para o casal e concordaram em repartir fraternalmente aquella somma entre ambos.

No dia seguinte ao desta descoberta, dispondo-se o desconhecido a deixar o seu bemfeitor, como se queixasse do incommodo que lhe causaria o transporte de uma somma tão pezada, propoz-lhe o dono do casal trocar-lhe a prata em papel e com effeito recebeu o desconhecido a sua parte em notas. Alguns dias depois da sua partida, o dono do casal fez outra descoberta: as moedas de prata dos 900\$ réis eram faisas.

E não era sonho. O homem estava bem acordado quando descobriu que tinha sido victima de um refinado ladrão.

A galinha cega..

Uma galinha foi atacada de gota serena: em vão consultou um famoso frango oculista, que a poz peor; porque esses charlatães, que correm o mundo ensinando remedios para tudo, são verdadeiramente embaixadores da morte: em palavreado ninguem os excede, e se chegam a curar, é como por causalidade. O certo é, que a nossa galinha ficou cega; e assim andava de dia o de noite as tontas, e ás loucas esgravatando a terra; porem de balde

assim fazia pela vida; porque um capão com vista do lince, e sempre alerta de mansinho a seguia passo a passo aproveitando-se do trabalho da miseravel ceguinha. Em vão acertava esta de esgravatar na melhor esterqueira; quantos bixinhos descobria, tantos lh'os papava o pressuroso tolineiro. Qual será a moralidade desta fabula? O capão vigilante faz a figura dos mandões e o pobre povo quasi sempre é a gallinha, que esgravata, descobre, trabalha, e não vê grão.

Sermão do inverno.

Na primeira dominga desta quaresma um bom cura de uma das cercanias de Paris, pregando contra a immoralidade das suas ovelhas, disse-lhes:—este longo inverno, que não quer deixar-nos é a consequencia da vossa pouca religião, e dos peccados a que todos os dias vos entregaes etc. Depois, ameaçando-os com augmento de neve e de gelo, *acrescentou*: depois da morte sereis mettidos n'um mar de gelo onde vossa alma soffrerá tormentos eternos.

Acabado o sermão, um amigo seu perguntando-lhe em que livro tinha achado aquella versão de castigos, o bom do padre respondeu-lhe: com este frio de rachar, como poderia eu atemorisar aquelles peccadores, se lhes fallasse em fogo ardente?

Certo bacharel que havia sido advogado de um negociante, indo visital-o por ter sabido que elle estava rigorosamente enfermo, entrando no quarto aproximou-se-lhe do leito e disse-lhe com voz terna:

—Então, Sr. fulano, como se acha?

—Como Vm. vê, lhe responde o enfermo; quasi a finir.

—E Vm. conhece-me?

—Conheço, sim senhor. Vm. é um fino ladrão que me roubou.

—Meu amigo, lembre-se que está prestes a ir dar contas a Deus, que neste momento não se deve levantar falsos testemunhos.

—Por esse motivo, é que eu so quero dizer a verdade.

Horriavel penitencia!

SONETO.

Disse um porteiro ao papa—Aqui chegado
E' um homem, senhor, de mui má vida,
Traidor, ladrão, heretico, homicida,
Que seus irmãos e pai ha degolado.

O Santo Sacramento ha profanado,
A um bispo a morte deu, e escondida
Peçonha deu a um papa na comida,
Por um vil interesse subornado.

Santas reliquias arrojou ao fogo,
E de tudo faz mofa!... Não é crível
Poder-se perdoar tanta insolencia!
Si esse monstro é solteiro, caso logo,
O santo padre diz: pois impossivel
E' dar-lhe maior mal por penitencia!

Um dia entrou n'uma das lojas do Rocio, afim de fazer compras, uma das primeiras bailarinas de S. Carlos. Achava-se na loja um sujeito que, apenas a viu, collocou apressado a luneta no nariz, e começou a mirar a bailarina dos pés até á cabeça. Mademoiselle F. fatigada de tão longo exame, voltou-se rapidamente para elle, e perguntou-lhe de uma maneira bastante sacudida:

—V. S. nunca me viu?

—De graça é a primeira vez, replicou immediatamente o sujeito, continuando o exame.

Cortezia.

Certo sujeito que se tinha na conta de muito polido escreveu no fim de uma carta que dirigiu a pessoa de cerimonia, o seguinte:

—V. Ex. desculpará por eu lhe escrever em mangas de camisa.

ANNUNCIOS.

Rapazeada amante do Café do Club, a elle!... a elle!...

Pinto, João, & C., novos proprietarios do estabelecimento citado, não pouparam esforços para hoje, noite do beneficio do sympathico José Maria, offerecer-vos bons vinhos, excellentes comidas e afamados charutos, á preço muitissimo rasoavel ou quasi de graça; mesmo porque a vista do engenhoso negocio que fizeram na compra do botequim não podem sinão apresentar este programma.

O victima.

O abaixo assignado gratifica generosamente a quem prender, ou der noticia certa do logar onde se acha o seu escravo João, nação ussá, estatura regular, 50 annos de idade, que fugiu no dia 24 do mez passado, levando vestido camisa e calça de algodão da fabrica, e uma trouxa com roupa de homem; costuma trabalhar de servente de obras de pedreiro, o de enxada em roça; veio ha pouco de Itaparica, onde morava. O annunciante protesta uzar com todo rigor da lei contra quem o tiver acoitado. Pode ser procurado em sua casa n.º 35, a ladeira da Misericordia. Bahia 1.º do agosto de 1870.

José Arvellos Bottas.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 69.ª

QUINTA FEIRA 18 DE AGOSTO.

N. 682.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1.º rs. por serie de 10 numero; 5.º rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES. — Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
17 de agosto de 1870.

Officio ao Ilm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo lhe providencias contra a immoral assualta e continuados alarmas que fazem os tambores da guarda nacional na Praça de Palacio, os quaes tendo dali se afugentado por algum tempo, voltaram de novo a fazer daquelle logar domicilio e foco de bandalheiras.

—Aquillo é castigo ou atrocidade?

—Causa horror!...

—Um vivente batido á macete!

—Si o homem fosse *caldereiro* eu diria que confunde o corpo do miseravel escravo com alguma chapa de cobre.

—E' preciso ser muito barbaro!

—Entretanto diz o *Joaquim* que aqui na rua do Julião passa por um homem muito humano.

—A prova nós estamos vendo hoje quinta feira 11 do corrente.

—Capitão, ouça o que vae por esta terra.

Uma crioula que existe no collegio Bomfim, foi escrava ou é do Sr. Angelo de Andrade, passando por S. Francisco de Paula a vender caixinha, de uma casa a chamaram.

Appareceu-lhe na dita casa um individuo que começou a ajustar um objecto e neste tempo entrou um outro; em seguida bateram á porta. O dono da casa foi ver quem era, e o recém-vindo perguntou se queriam comprar bilhetes da loteria.

—Quando corre? interrogou um.

—Ja.

—Pois entre.

O sujeito entrou, puxou por tres cartas e poz-se a fazer a escamotagem da *vermelhinha*, casando entre elles dinheiro que ora perdia o dono dos bilhetes, ora os compradores. Es-

tes chamaram a crioula para levantar por elles a carta, que devia ganhar, e convidaram-na para associar-se.

Como vissem que ella de forma nenhuma cahia no logro, por timidez ou desconfiança, insistiram dizendo que iam tirar uma sorte interessados com ella, que devia ter boa cabeça; casaram certa quantia e levantaram a carta que perdia; e então exigiram que ella entrasse com metade do prejuizo. Recusando-se a mulher, tomaram-lhe brutalmente seis mil réis, todo dinheiro que trazia, e um jarro!

—Que bandidos!

—A crioula contando o que lhe succedera, ouviu de uma companheira que nessa casa lhe arrancaram duas peças de madastro pela mesma maneira.

—Como vae istol!

—Dizem que não ficam nestes dous os casos de sceleratez; que muitas pretas ganhadeiras são para ali attrahidas e roubadas.

—Essas quadrilhas de larapios espalhadas por diversos logares da cidade, os frequentes audaciosos factos por ellas praticados, revelam claramente o pouco temor que lhes inspiram as vistas policiaes e mostram ao mesmo tempo o estado de segurança com que se pode contar nesta terra!

—Até o burro do Sr. Jorge ha de incomodar o publico!

-- O que vem a dizer isso?

—Acceita um conselho? Não passe por junto de burros com barris d'agua ás costas, porque o burro do Jorge é um destes e pode lhe acontecer mal.

—Quem é esse Jorge, e o que tem o burro delle?

—E' um individuo que mora na Lapinha; mata porco e negocia em vender agua; possui um burro que emprega nesse giro, puxado por um preto. O burro em presentindo gente passar ao pé delle esconde, e muitas pessoas tem sido offendidas gravemente pelas patas do malefico bicho.

—Mas esse homem obra mal. Sabe que seu animal tem tão damnosa manha, porque o

deixa andar por uma cidade tão transitada como esta?

—E' um verdadeiro perigo.

Quando o conductor vai despejar a agoa em qualquer casa, as pessoas que passam na rua pelo lado em que elle está parado, si ja não estão precavidas são victimas.

Entre os muitos offendidos, o Sr. João Caetano Martins, ha pouco levou um formidavel couce que o poz bem mal.

—Eu não sei como se tolera isto n'uma cidade tão populosa!

Um burro brabo parado sobre os passeios a desconjunctar pernas e fracturar costellas de quem transita!

—Já estou cansado de ouvir queixas contra o destacamento do Caes Dourado.

—Não sei o que lhe diga.

—Falam que os soldados commettem mil violencias, mil desatinos.

—Não é por ousadia que lhes dê o seu digno commandante.

—Dizem que um dia destes espancaram brutalmente a um escravo do Dr. Pereira de Souza, para obrigarem-no a fazer a limpeza do quartel em occasião que o preto ia á mandado de seu senhor, e depois de constrangel-o a fazer semelhante serviço não lhe quizeram pagar o trabalho; que prenderam a um estrangeiro, amarraram-no com cordas e assim o conduziram publicamente; que prenderam ao portuguez João Cardoso e o maltrataram bruscamente, por enjo motivo pende reclamação do respectivo consul; que ha pouco deu-se um facto de repugnante libidinagem dentro do quartel com uma rapariga; que a praça de nome José Antonio, a poucos dias desembainhara o reflexo e desafiara o caixeiro de uma venda para brigar; que apprehenderam n'um saveiro um contrabando de carne do sertão e dividiram entre si, com excepção do soldado de nome Vidreira, unico que porta-se diversamente do proceder de seus companheiros, e outras muitas cousas.

—E' justamente uma policia que em vez de policiar, carece de ser policiada.

—E eu entendo que aquillo que não serve deita-se fora; si hão de estar ali para perturbar a ordem é mais conveniente retirá-os.

—Capitão, no dia 4 do corrente deu-se um facto criminoso que não deve ficar impune.

—As authoridades que cumpram seu dever.

—O menor Elpidio Nonato Soares indo pela rua dos Droguistas, ao passar na loja Caldeirão 37, boliu em um masso de juncos que estava sob a porta.

Isso bastou para que um caixeiro portu-

guez da mesma, de nome João, sabsse e esbofetasse a criança, o a atirasse em corpo sobre a calçada, do que lhe resultaram diversos ferimentos e contusões graves.

Um irmão do offendido teve a prudencia de ir á loja saber o motivo que dera causa a semelhante proceder. Em lugar de uma explicação á sua pacifica exigencia, recebeu os epithetos de negro, atrevido, cafre, etc.

Feito o corpo de delicto, deu-se andamento aos tramites legaes.

—Pois então o que quer mais? Deixe o resto por conta de quem executa a lei.

—A crença popular augura o mez de agosto, como fatidico de funestos acontecimentos.

—Na verdade tem se dado factos!

—Bem desastrosos!

No dia 16 um sargento de policia, na rua dos Capitães, quiz mandar a Sra. Maria Roza, mulher de cor parda, filha do Sr. Felisgunde, para a outra vida com uma tremenda estocada na côxa.

—Horas más.

—Nesse dia mesmo, cahiu do segundo andar de um sobrado á baixa dos Sapateiros uma criança. Felizmente não morreu.

—Dizem que tambem precipitou-se uma rapariga, de um sobrado ás Mercez.

—O carcereiro da Correção foi victima da indole perversa de um preso que com um compasso fez-lhe um grave ferimento.

—Eu ouvi contar que os soldados da guarda tiveram grande culpa desse lamentavel successo, por que lhes mandando o carcereiro que prendessem o homem, ficaram immoveis e ainda depois lhes advertindo que o mesmo estava armado permaneceram no estado de immobilidade, apesar de estarem com os reflexos desembainhados e ainda depois do attentado consummado, não se animaram a prender o criminoso e se seis minutos depois é que elle expontaneamente sahiu da prisão em que estava.

—Além desses outros, muitos factos tem se dado neste aziago mez, alguns ja registrados e outros por apontar.

—Eu não creio nisso; as cousas so se dão quando tem de acontecer.

—E' de admirar o indifferentismo com que os medicos passam por junto de uma creatura que tem a infelicidade de ter um ataque no meio da rua!

—Vão de encontro ao juramento que prestam na occasião de tomar o grau.

—E' verdade; nessa occasião juram elles exercer a medicina com honra e humanidade! Quer ver qual a humanidade delles?

Na terça-feira, uma preta, já de meia idade, teve um ataque e cahiu no largo do Theatro; acudiu muito povo em roda da infeliz preta, passaram nessa occasião diversos medicos e nenhum dignou-se chegar.

—Que deshumanos!.....

A PEDIDO

A *commandita* Pinto, João & C. vae perdendo o impeto com que entrou a defender a mais porca *velhacada* que até hoje se tem visto, mesmo que, de taes *illibados caracteres* não podia sahir obra mais perfeita, ao passo que o terreno da peleja vae sendo palmo e pollegalmente disputado pelos que allegam seu direito.

Que importa a vociferação dos adeptos de Pinto *callête*, uma vez que elle não se acha no goso do *uti possidetis*, afim de tomar parte directiva no preito que se move contra o *petintru* mais audacioso desta terra?..... Deixai-os fallar que é mal de muita gente boa.

Não tem faltado juriconsultos de *botuquins* que não tenham formado seu juizo em prol de tão escandalosa bandalheira, a verem si o tal *callête* cae no laço; porem este que não é *tolo*, ou por outra tão *besta* como muitos o pensam, vae retardando seus passos e poupando seus cobres, até que se offereça occasião azada do cantar do *gallo*, ao meio dia em ponto, na propria casa da viuva *honestá*, si é que já não cantou em hora que fosse por nós presenciada.

Meu Deus! porque vós não repartistes o pudor em partes eguaes por todos os vossos amados filhos?!... acaso aquelles não serão dignos de melhor sorte?

Soneto

— Offerecido a Ioyó Janjão.

O gosto ir-da hei de ter, ó meu bregeiro,
De coser-te o costado a ponta-pés;
Hei de mostrar-te emfim que nada és
Desgraçado e perverso alambiqueiro.

Quanto ao moral—és menos que um sendeiro
No physico—teus olhos e bem vês;
Na *borracha*, és um rei de sariguês,
Estupido e safado cachaceiro.

De todo este Bomfim és o canalha,
Mais canalha, mais torpe e mais sandeu
Que pode conceber-se entre a gentalha.

E como o enxovalhar-se é gosto teu,
Ja te vou preparar nova metralha.
—Cabra cegu procura quem te deu.

Mofna.

Uma viuva que em lugar de respeitar as cinzas do seu marido, *diverte-se* com uma sucia de rapazes solteiros e mal casados em sua propria casa, está no caso de ser pensionista de um Monte-Pio!.....

So na Bahia.

VARIÉDADES.

⊙ Sr. Arthur Borboleta.

SCENAS DE COSTUMES.

Juca Borboleta era casado..

Ao lado de sua esposa, respeitavel matrona de seus cincoenta annos, mas que ficava querendo mal á quem lhe chamava de velha, e de um filho de 18 annos, bom rapaz, mas muito presumido do seu nada, passava elle uma vida folgada e sem cuidados.

Era Juca Borboleta um pobre pedreiro, que fazia das noites dias para trazer o filho acciado, e dar-lhe uma educação apropriada, de modo que para o futuro não fosse o rapaz obrigado a pegar em ferramentas para viver.

Si o pobre homem não realisou o seu intento a culpa não foi delle.

Sahia o pae pela manhan, logo ao romper do dia, para o seu trabalho, que era um pouco distante de casa, enquanto a mãe, já erguida, ia preparar o café que trazia á cama do filho, que para nós fica chamando-se Arthur Pereira, por antonomasia Arthur Borboleta.

Lá pelas 8 horas erguia-se o preguiçoso, tomava os livros e dizia que ia para a aula do mosteiro de S. Bento, onde o pae o tinha matriculado, mas é do nosso dever declarar que a verdadeira aula era o bilhar; e quando baldo ao naipe, á falta de bilhar ia admirar o magestoso panorama da nossa bahia, trocando pernas pelo passeio publico.

Voltava de 2 a 3 horas da tarde, jantava, dormia, e á tarde, depois de vestir a roupa engomnada que a mãe preparava para a aula, ia, ostentando *pince-nez*, trocar pernas pelas ruas á procura de namoro.

E as moças não desgostavam delle.

E os homens serios diziam: bom filho e bom rapaz!...

Um dia o pae descobriu (sem consultar o magnetismo) que o Sr. Arthur Borboleta o enganava, e que de estudos não queria saber; como não era homem para meias medidas em materia de desaforo, o Sr. Juca Borboleta fez o filho entrar em um sarilho de bengala, que ao pobre rapaz não agradou muito.

Cumpriu deveras o seu dever de pae, e isto porque era pedreiro e pobre; si fosse rico ou *soi disant* fal-o-hia casar-se, attendendo a que

solteiro não amava os livros, depois procuraria fazel-o seguir o caminho das letras.

Até então julgava-se que o casamento si não impossibilitava, ao menos muito contribuia para que a intelligencia não se desenvolvesse em materia de estudos, mas o progresso que inventou a polvora, a imprensa, os embalsamentos e... as archibancadas de 500 rs., tambem não deixou morrer a invenção de fazer casar o rapaz que não quer estudar.

Chegada a roupa ao corpo do nosso Borboleta Junior tomou elle um pouco de brio, e aprendeu então o caminho do mosteiro.

Com effeito, no fim do anno o nosso rapaz fez um exame soffrivel de francez, latim e arithmetica, na instrucção publica, tendo elle de seu *motu proprio* feito se acompanhar de uns cartões de visitas que a maledicencia em taes casos chama—cartas de empenho.

De todas as partes choviam os parabens ao filho e ao pae por tão fausto motivo; o Juca pensava que o filho já era doutor e inchava como a ran da fabula aos parabens, e o Arthur muito presumido, entendia que ao seu talento e aos seus estudos, e não aos cartões de visitas, é que deveu as approvações que obteve; dali succedeu que o pae se tornou um palerma para o filho, e este um desfructavel para os collegas e amigos.

Succedeu nesta epocha que o filho do Borboleta (que não era oriundo de chrysalida) apaixonou-se por uma gentil morena, linda como os amores, que elle encontrara no largo de Sant'Anna, em uma noite de fogo.

Ora todos nós, leitores, já fomos moços, já gozamos portanto dessas noites infindas de prazer, em que tudo parece agradar aos velhos, ás velhas, ás solteironas, ás crianças, ás doceiras, á todos emfim, mas em que aos rapazes só ha uma cousa que agrada—as moças.

Divisar ao longe um vestido azul, e *cache-nez* solferino, as suas côres predilectas, correr, dando encontrões aqui, pisando callos ali, esbarrando em um tableiro de doce lá, até que extenuado estamos proximos á diva... mais um passo, ella volta-se... oh! ceus! não é ella!...

Que porção de tempo perdido!

Nisto é em que consiste o prazer dos rapazes em noites de fogo.

Eu fui assim no meu tempo, e provavelmente os leitores tambem o foram, porque eu tenho mais medo hoje de um velho sonso, do que de um rapaz pandego, e tenho razão em avançar esta proposição, porque os rapazes de outro tempo (os velhos de hoje) não iam para os bilhares e depositos de cerveja ator-doarem-se e fazerem depois uma triste figu-

ra, como vejo que hoje acontece; em compensação iam para as salas jogar espirito com as damas, fazendo das salas campo de batalha, procurando agradar com graça, sem se faze-rem desengaçados.

E o nosso Arthur?

Estava apaixonado o pobre rapaz; a morena chamava se Sinhá, nome mimoso com que era tratada em casa, para metter figas ao padrinho que ao baptisal-a fez com que o padre lhe dêsse o prosaico nome de Emilia.

Sinhá era filha de um taverneiro (é melhor dizer negociante) possuidor de vinte acções do banco commercial.

Não sabia o rapaz em que tea se envolvera, porque, si realmente amara o seu ideal, o casamento era muito difficil porque um negociante nos casos do pae de Sinhá, em a nossa terra é mais nobre do que um filho do celeste imperio, descendente da dynastia dos In.

E como alliar semelhante nobreza com um pedreiro?

E' bem verdade que elle podia allegar que seu pae, trabalhando com a esquadria, o triangulo, a escala, o compasso, etc., na vida real, não podia ser inferior á muitos nobres que o fazem na vida ideal, mas a explicação podia ser inteiramente confusa para o negociante. como estou certo que inuitos dos leitores não a comprehenderão.

Não desanimou... digo mal, para desanimar era preciso que reflectisse, e é planta exotica namorado que reflecte; não cuidando sinão do seu amor, ja os livros iam á garra, porquanto Arthur só cuidava de passar pela porta da menina, desde que amanhecia até que anoutezia.

A visinhança murmurava... mas sabe lá a visinhança o que é o amor aos desoito annos?

(Continua.)

Desabafo de uma victima das sogras.

(A' sua mulher.)

Nossa casa é um paraizo,
Tu a Eva innocente,
Eu Adão sem maldade,
E tua mãe a serpente.

A mulher.

Perguntado o philosopho Secundo pelo imperador Adriano, que cousa era a mulher, respondeu:

—A mulher é o naufragio do homem, tempestade da casa, estorvo do descanso, captivo da vida, damno de cada dia, leda que afaga, perigo enfeitado, animal malicioso e mal necessario.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 69.^a

SABBADO 20 DE AGOSTO.

Ns. 683 — 684.

— 1-0-1 —

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS: — 1\$ rs. por serie de 10 numero; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES. — Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
19 de agosto de 1870.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que na Estrada Nova, casas do Sr. Eugenio, contiguas a rocinha do finado Barros, mora a crioula Ermelinda, a qual tem em seu poder uma menina orphan de nome Maria, a quem trata sem commiseracão inflingindo-lhe castigos reprovados pelas leis da humanidade.

As vezes a infeliz é mettida em um sacco, outras vezes é exposta na porteira da rocinha com uma disforme mascara no rosto, ao ludibrio e escarneo dos moleques, outras é constrangida a permanecer sobre um banco tendo uma perna suspensa e um braço elevado, ficando neste doloroso estado por longo espaço de tempo, e todas essas mortificações são sempre acompanhadas de pancada.

Alem disso essa mulher constituiu-se tutora da menor, porque tendo a mãe desta fallecido em sua casa, ella chamou a si o que lhe pertencia, e faltando-lhe as precisas habilitações para se encarregar da educação de uma criança, espera-se que S. S., depois de verificado o que fica dito, se dignará mandar entregal-a a uma pessoa que lhe dê melhor tratamento.

—Capitão, não é só na cõrte e em Minas que os voluntarios da patria de volta do campo da honra são amarrados como escravos fugidos; tambem na Bahia, um bravo que defendeu com gloria a dignidade deste paiz, é preso, amarrado e perseguido.

— Era o que faltava!

— Simão, crioulo, é natural de Maragogipe; foi escravo de um tal Manuel Anselmo, que o cedeu por divida, ao coronel Tintas, de Nazareth. Residia nesta cidade e dava-se a profissão de cosinheiro.

Rompendo a guerra do Paraguay, Simão

foi alistar-se no batalhão Princesa Leopoldina, com o nome de José Felix.

Durante o tempo da organisação do batalhão, andou publicamente nesta cidade com a farda de voluntario; ninguem se lembrou de apontar sua condição de captivo, nem o governo de então teve escrupulo em aceitar-o nas fileiras dos defensores da patria, sem primeiro reconhecer sua identidade.

O batalhão marchou para a guerra e José Felix foi um heroe, como o foram em sua totalidade os homens de cor preta, filhos desta terra patria dos Santa Eufrasidas, Bigodes, Fernandes d'O', Manuel Gonsalves, coronel Neves e outros.

Estou por obter a sua fé de officio e hei de lhe apresentar.

Terminada a guerra, José Felix regressou a Bahia, fazendo parte do 40º de voluntarios. Dissolvido este batalhão, procurou um meio de vida, empregando-se como cosinheiro de um vapor que se acha em concerto em Itapagipe.

Na segunda feira 16 do corrente, um individuo acompanhado de outros e munido de cordas prendeu Simão, no vapor, amarrou-o e neste estado aviltante ficou aquelle que acabava de concorrer, derramando seu sangue, para elevar este paiz á altura de uma grande nação, até que chegando o subdelegado da Penha, mandou tirar-lhe as cordas!

E' preciso dizer que o individuo que assim praticava, nenhum titulo apresentou que provasse o direito que tinha para algemar a um homem, de cujos serviços a nação tanto se utilisou.

Exigindo o subdelegado provas do captivero de Simão, o encarregado da captura pediu que elle ficasse retido na subdelegacia por alguns dias até a exhibição de documentos; mas o preso reclamou que queria vir para a prisão publica, e assim deferiu a authoridade.

Escoltado Simão ao chegar a baixa dos Sapateiros, conseguiu evadir se das mãos dos que o conduziam e a não ser isso, á esta hora estaria gemendo entre os negros da imundicio de um carcere!

—Mas qual é a sorte que espera o desgraçado bravo da patria?

Hoje ou amanha será indubitavelmente preso, encarcerado, torturado talvez, vendido e o iatego infamante do senhor lho compensará a desobediencia de ir defender os brios ultrajados da nação e essa ingrata patria verá tudo isso indifferente!

Que conceito merece aos olhos das nações cultas um paiz onde se dão factos desta ordem?!...

—No Rio de Janeiro o chefe de policia expediu aos seus subalternos uma circular afim de evitar essas scenas de vilipendio nacional, si ao menos o daqui o quizesse imitar.....

—Capitão, estou com o espirito conturbado.

—O que o afflige?

—A impressão que me causou uma catastrophe.

—Este mez tem sido abundante de desgraças.

—O Sr. J. Gabriel de Gouveia, tendo mandado na quarta-feira atear fogo a uma pedreira que está quebrando ao Sangradouro, fahou a explosão.

Parecendo-lhe que a humidade da polvora era a causa de não se ter ella inflammado, ordenou a um escravo que fosse esgaravatar a broca feita na dita pedreira. Estando em semelhante trabalho um estampido horrivel se fez ouvir e o infeliz foi arremessado a uma distancia consideravel, perdendo uma mão e encravando-se-lhe uma pedra na testa. Está em perigo.

—Faz pena!

—Um moleque que acompanhava o Sr. Gouveia foi tambem ferido, alem de outras pessoas levemente offendidas.

—A constante repetição de tão tristes successos não serve de escarmento para haver mais cautela em tão perigoso trabalho!

—Eu não sei mesmo como qualifique a imprevidencia com que se permite que em qualquer logar se quebrem pedras á tiros de polvora!

Ali no Sangradouro, á beira de uma estrada em que passa gente a toda hora, dão-se tiros a cada passo!

—Deu-se mais uma desgraça.

—Isso vae a se acabar!

—No dia 16 precipitou se de um sobrado uma infeliz rapariga; dizem que está mal.

—Em que logar foi isso?

—Nas Mercez.

—Ah, ja ouvir fallar.

—E' escrava da casa dos Bandeiras.

—O que a levaria a querer acabar com a vida?

—Isso não sei; quem lho pode dizer é o subdelegado de S. Pedro, que la esteve.

—Talvez briga com alguma parceira.

—Havia de ser isso mesmo.

—Temos um policia tão dorminhoca que não vê o que se passa de noite por mais zozada que se faça!

—Os malandros pintam a seu salvo sem serem encommodados.

—Quem na noite de domingo, na rua do Tingui, não despertou ao retinir dos vidros esmigalhados das janellas de algumas casas que uma malta de capadocios andou apedrejando?

—Forte desaforo!

—Não obstante a estrepitosa algazarra com que se praticava este acto de requintada insolencia, os que devem velar pelo socego publico não despertaram!

—E desta sorte nem nas horas mortas, o repouso das familias está isempto de ser perturbado por uma horda de turbulentos.

—Capitão, communicaram-me que o provedor da Santa Casa da Misericordia officiou a irman de charidade, directora do asylo do Campo da Polvora, para ir buscar duas recolhidas que estavam em casa do Sr. Vicente Costa, e a cujo serviços se achavam alagadas.

—A razão?

—Dizem que foi porque o Sr. Vicente castigara as mocinhas com bollos.

—Eu logo previ que a tal medida tomada pela mesa da Santa Casa, relativamente o aluguel de serviços das expostas, havia de dar em desagradavel resultado.

—O meu communicante disse mais que ao chegarem as irmans de charidade que foram buscar as moças, o Sr. Vicente, irritado, ainda deu-lhes pucharões de orelhas e bofetadas!

—Que desaforo! A policia deve, a ser exacta esta informação, tomar alguma providencia sobre este ultraje feito pelo Sr. Vicente a duas fracas senhoras.

—A escola de meninas da freguezia do Pilar está acephala ha muitos dias; a professora desappareceu; ninguem sabe que fim levou.

—Ha de andar se divertindo; logo volta.

—Onde está a liberdade de acção do individuo á vista deste e de outros factos?

—O que aconteceu?

—Até os soldados de policia julgam-se authorisados a obrigar a vontade do cidadão!

Na noite de 17 do corrente, praças do destacamento do Caes Dourado agarraram um homem livre, crioulo, e quizeram que elle fosse despejar ao mar trampa do quartel; o homem recusou-se pelo que foi desabridamente espancado á vista de numerosas pessoas.

—Entretanto esses homens foram para ali mandados afim de manter a ordem!

—Quantos sinistros estes dias!

—Mais algum?

—E bem pungente. Uma criancinha que cahiu dos braços de sua mãe, de um sobrado ao dobrar a ladeira do Taboão.

—Em que dia?

—Hontem 19; a mulher conversava para defronte e descuidou-se; a criança fez um movimento e escapuliu-lhe das mãos.

—Ja na terça-feira da baixa dos Sapateiros cahiu uma criança de um sobrado.

—A causa desses fataes successos é, as mais das vezes, o descuido e a facilidade com que se pega em uma criança.

—Capitão, eu tive uma lembrança.

—Será cousa de utilidade?

—Eu pretendo passar este anno a festa no Bomfim; acho-me em apuros e lembrei-me de requerer ao governo um beneficio no theatro para com seu producto ter dinheiro com que supra as despezas.

—Muito bem!

Quer então ser parasita das algibeiras do publico que deve lhe dar dinheiro para seus vicios e pagodes.

Cuide n'outro officio.

—Eu não faço mais do que imitar a muita gente.

So se concede beneficios a pessoas indigentes e necessitadas; e isso mesmo é preciso que esses motivos provenham de causas resultantes por serviços ao paiz, ou então a notabilidade artisticas; ora V. não prestou serviços de ordem publica, nem é artista; por tanto o povo não deve manter pansudos.

—E como eu vejo sujeitos são e robustos obterem dous e tres beneficios, fazendo disso um meio de ter dinheiro?

—E' especulação tão reprovavel como outra qualquer de igual natureza; é uma esmola que o sujeito sem estar no caso de pedil-a, implora á generosidade publica e depois de obtel-a vaé esbanjal-a em luxo e ociosidade.

—O caso é que pedem e lhe concedem sem se indagar o fim e por tanto, eu que não sou

mais feio do que elles, parece que tenho igual direito.

—E' exacto; e talvez com mais facilidade aleance do que muito mutilado que por ahi anda, do que a viuva de algum pobre servidor do paiz que com os filhinhos perecem á mingoa.

—A epocha é disso.

Os exemplos ahi estão se vendo.

—Capitão, o inspector de quarteirão, cujo nome vae abaixo, indo avisar um individuo para o serviço das *rondas á vapor*, que actualmente se fazem, não o encontrando em casa deixou-lhe o seguinte curioso aviso:

«Ordem Do Snr. Cube de le gado, Avi zár A os meus Rizidentes do quaterão 11 Para Ciprostar em ao çer viço da rezeva. Por escala toca Ao Snr. Car va lho a S P. a 7oras

Ynes peçtor do mes mo
Ce çiliano Ribeiro d' Mattos.»

—Eu sou de opinião que o Sr. Mattos obrava com juizo propondo uma acção de restituição ao mestre que lhe ensinou as primeiras letras, si é que esse Sr. não frequentou as escolas aos domingos e dias santos.

—Dizem que as irmans de charidade da ladeira do Alvo castigaram asperamente a uma educanda, porque escrevendo a seus paes queixara-se de mau trato.

—Pode ser e pode não ser.

—E prohibiram debaixo de severas penas que as meninas se dirigissem a seus paes sem que a correspondencia fosse revistada ou ditada por ellas.

—Entra nos planos do jesuitismo; o pensamento manietado, o livre uso da vontade tolhido.

—Mas me diga que inconveniente pode resultar das expressões que uma filha possa dirigir a seu pae, que seja preciso essa medida compressorá, essa estúpida espionagem, essa devassa no sigillo da confidencia familiar?

—Si as educandas são bem tratadas deixem que ellas o revelem espontaneamente.

—Para que impedir a livre manifestação dos affectos naturaes com phrases impostas e adequadas?

—Para que? Porque as irmans de charidade, alem do mais, querem passar pelas regeneradoras da educação, pelas reformadoras dos costumes nesta terra!

—Esta gente da policia gosta muito de lambança!

Na noite de quarta-feira a patrulha prendeu

um taverneiro á ordem do chefe do policia por vender depois do toque de recolher.

Os soldados pozeram-se pertinazes. Hora depois os soldados petiscavam queijo e bebiam vinho na mesma taverna.

De manhã o homem abriu sua porta e continuou no giro de seu negocio.

Iste foi no Caminho Novo do Gravata.

—Capitão, eu desejo conversar um pouco com V. Ex. relativamente a casa da santa Misericordia.

—E eu prompto a ouvir-o.

—A santa casa estava devendo quantia superior a cem conto de reis, pelo que lançou mão de certos meios, como fosse deitar para fora as recolhidas de maior idade, afim de ver se podia alliviar-se da enorme divida com que se achava.

—E como de facto ja está com quasi toda ella paga, pela actividade e zelo do procurador Malaquias, que tem conseguido cobrar muitos alugueis de inquilinos atrazados!

—Sabe d'isso, não?

Pois bem: a mesa actual, em lugar de fazer redução nas despezas, pois o Sr. commendador Figueiredo Leite, deitou as recolhidas para rua, dizem, que por economia, influio para que fosse aposentado o Sr. Rangel, por que pretende, e ja tem levado algumas cousas a effeito, augmentar o pessoal da secretaria da santa casa, com mais dous amanuenses, um porteiro e um contador com o ordenado de tres contos de reis, cujo logar está destinado para o Sr. Rangel, razão pela qual esse Sr. se aposentou.

—Por força; agora vae elle ter mel e ca-baço.

—Mas até então a receita da Misericordia não contrabalançava com a despeza, pelo que elles lançaram mão de medidas que o bem e reflectido senso publico reprovou, hoje para se arranjar os afilhados, vai augmentar-se a secretaria, quando os empregados que lá tem são sufficientes para o trabalho da escripturação do estabelecimento!

Ora havendo na santa casa empregados intelligentes, como por exemplo o Sr. Fortunato de Freitas, porque razão a Misericordia que se julga hoje em boas circumstancias, não ha de augmentar os ordenados desses empregados, em lugar de influir para a aposentadoria de um moço que estava empregado, afim de lhe dar a gorda quantia de **TRES CONTOS DE REIS!**

—Quem tem padrinho; não morre pagão!

—E no entanto, que as pobres recolhidas, para as quaes foi creado aquelle estabelecimento, prometteram 300\$ rs. e jogaram-nas

para a rua e, ainda o anno passado na interina administração do Sr. Dr. Mendes, a mesa de-liberou contractar os serviços das que ficaram com familias que delles se quizessem utilizar, porque não havia dinheiro para manter a tantas moças, diziam os mesarios; mas este anno ja ha dinheiro para se crear uma secretaria luxuosa com fim somente de se proteger a afilhados!

Isto clama aos ceus!

—Rapaz, esperar não é desesperar.

Vejamos como elles arranjam este par de botas!

—Esperemos!

—E' na verdade lamentavel a educação que certos paes dão á seus filhos!

Mal vão elles attingindo o estado de adolescencia, arregimentam-se nas fileiras dos peralvilhos, dispondo de uma liberdade sem limites e, completamente emancipados da obediencia filial, surgem por essas ruas, dando por seu proceder bem triste idéa da conducta de seus paes.

—Nossa capital, de certo tempo a esta parte, se tem celebrisado tristemente em exemplos taes.

—O que deve esperar de seu filho um pae que o consente vagar pelas ruas até una e duas horas da madrugada só, ou em companhia de outros, incommodando com uma berberia infernal e palavras obscenas a população que dorme, sem respeitar as leis do decoro?

—Um futuro cheio de torpezas e manchado de vicios.

—Ainda não é tudo.

No templo do Senhor vão disputar entre si a palma da immoralidade com o maior escandalo á presença de Deus!

—Causa espanto!

—Pergunte se ao pae de um desses libertinos si sabe por onde andou seu filho durante a noite e elle responderá que esteve se divertindo.

—Entretanto o dissoluto visitou os lupanares, engolphou-se na orgia, embriagou-se, gastou dinheiro que não tinha, andou pelas ruas amotinando o socego publico e recolheu-se as quatro horas da manhã.

—Athletas da devassidão, sem applicação alguma proveitosa ou conhecida, competem no trajar com os que dispõe de fortuna, sem que os proprios paes tenham sciencia de onde partem esses recursos, cuja procedencia é so bastante para lhes marcar o grau de corrupção, procedencia talvez mais degradante ainda do que se trouxesse sua origem do jogo... Do jogo, essa peste endemica que

dizima todos os atomos da dignidade propria.

De onde vem esse dinheiro que tão galhardamento contam em sua carteira?

Como houveram esses relógios, correntões e teteias, com que se adornam, si nada possuem, e nenhum negocio ou emprego tem?

—Mysterio infame!

—Alimentados em tão *commodo*, como reprehensivel modo de vida, insuportaveis se lhes tornam as asperezas do trabalho, e a reforma dos costumes; o crime ou o suicidio é o termo final desse tropel de vicios oriundos da má educação.

— E não reflectem os paes que sua criminosa aquiescencia aos erros e desregramentos dos filhos são outras tantas letras á premio que só se resgatam á peso de dissabores e lagrimas!.....

Não pareça que desconhecemos as excepções; porem a ninguem pode restar duvida da existencia do crescido numero de peraltas, ociosos e libertinos espalhados pela superficie desta cidade, os quaes se reúnem á vontade desde o logar mais profano até o mais sagrado impunemente.

LÁ VAE VERSO

Porque será?

Mas que muito, si ha gente e gente grave,
Que em seus olhos não vê nem uma trave?

BOCAGE. — Fabulas.

(Continuação dos ns. 680—681.)

Porque será que os juizes
Jogam com pau de dous bicos,
Dando liberdade aos ricos,
Condemnando aos infelizes?

—E' por que andam de narizes,
Sempre as ordens da opulencia;
E como é surda a consciencia
Aos brados da natureza,
Não consentem que a pobreza
Possa andar junto a innocencia.

Porque será que os opulentos,
Da terra no pó creados,
Tendo thesouros guardados,
Criam fama de avarentos?

—Porque de merito isentos
Sem terem n'alma a nobreza,
Devendo tudo a riqueza,
Por quem são engrandecidos,
Julgam cinco reis perdidos
Um desfalque na grandeza.

Por que será que os pobres,
Na juventude ciganos,

No espaço de poucos annos
Se tornam ricos e nobres?

— E' porque sabem que os cobres
Os gosos dão, e os asseios;
E de negra ambição cheios,
D'honra e brio separados,
Aos fins caminham, ousados,
Sem ter escolha nos meios.

Porque será que morgados,
Com fumaças de fidalgos
Em vez de livros tem galgos?
Em vez d'honra, antepassados?

—Porque no monte creados,
Longe da sciencia e d'arte,
Sugeitando a bacamarte,
Os brutos aos seus caprichos
Porque são reis entre os bichos,
Cuidam sel-o em toda a parte.

Porque será que os alvares,
D'aqui longe enriquecidos,
A patria restituídos,
Pretendem ser titulares?

— E' porque temem desares,
Quando alguém por nome os chame,
E querem, contra o vexame
D'um passado escandaloso,
Oppor um titulo honroso,
Que escureça um nome infame.

(Continúa.)

F. X. de N.

A PEDIDO

—Capitão, ja soube que a *commandita* do engenho *cattête* pretende moer a nova safra no costado da pobre victima por causa dos carregamentos do navio, a conta propria?

—E elles ignoram que a bordo ha porão, par de machos, verga, calabrote &?

—Não... Mas si elles levarem a effeito os planos de que fazem alarde?

—Não creia, pois quem quer dar não promette, e demais vou mandal-os buscar a minha presença para um pequeno ajuste de contas.

—Pois elles lhe devem.

—Vae ver. Maxingueiro vae a rua do Pande-ló e tira o *Pinto* ainda que a gallinha te dê alguma *bicada*, lá tem *frangos* e *gallos* feitos, mas não importa.

.....

—Aqui o tem capitão.

Olá meu *amiguinho* com que então está mettido em altas cavallarias!

—Não tem sido por minha vontade, capitão, pois até agora tenho jogado so *espada preta*.

—Pois vamos a *esgrima* ... cubra-se.

—Estou coberto.

—Esteve no Paraguay, estou informado, havia de conhecer lá o alferes *Baptista* de saudosa memoria e o tenente João Francisco.

—Estou ferido, capitão.

Levante-se que este golpe não foi mortal. Com que então passa V. aqui por *senhor de engenho* na roda dos patetas, e com esta par-vai gozando bem *boas cousinhas*.

—E' falso, capitão, nunca tive engenho.

—Quer um conselho?...

Não queira chegar ao auge de ficar sem co-bres e sem amigos; a *boa gente* com quem V. está mettido é capaz de roubar o sol antes de nascer não por elles que são completamente ignorantes, porem por causa do *dunghinha* que passa vida *bocagiana* e V. cumprindo que seja sua missão diga *imagens mundanas fugie*.

Ouviu?

A escrava.

Eu sou leprosa estendida
Nas lages do frio chão:
Ninguem que passa—esse corpo
Levanta, me dando a mão:
E antes me cravam todos
Espinhos no coração.

Choro... Mas minhas lagrimas
Caem geladas no chão:
Ellas—maldictas—não fazem
Pulsar nenhum coração,
Nem tristes se quer despertam
Sorrisos de compaixão!

Nos cardos d'um mundo egoista
Meus lindos pés eu sangrei:
Co'as bagas d'um pranto intenso
O pó da terra eu banhei;
Aos lategos do agro supplicio
Eu quasi... quasi expirei!

E foi assim... Certo dia
Ao tronco d'arv're me ataram...
Não sei o mais; so—desperta—
Vi que meus filhos choravam,
Que minhas formas esbeltas
Os ventos livres beijavam...

E sou mulher... E consagro
Intimo culto ao pudor:
E' o meu talisman divino,
E o meu thesouro de amor:
E' o astro da minha vida,
Da minha existencia a flor.

Emtanto, ceus, que *senhoras*
Sem alma, e sem coração,
Sacerdotisas infames
Da vil prostituição,

Queimam incensos constante
Nas aras da corrupção.

E *ellas* lançam-me um riso
Ironico sempre—ao revez:—

Ellas que ao ouro, e ao goso
Dobram a cerviz tanta vez...

E o mundo todo se curva
P'ra assim lhe beijar os pés!

«Tu és escrava»... Alta noite
Diz me-o a mesma solidão.

E diz-me o mocho em seu canto
Que enluta-me o coração;

E' voz do inferno que eu ouço
Dos ares na alta amplidão.

E sou bella... E' minha alma
Sacratio so de affeições...

So com o olhar eu domino
As turbas e as multidões;

Elles — captivam-me o corpo,
E eu — captivo os corações;

.....
Deus, porque sobre a fronte
D'essa infeliz geração,
Cahir fizeste incendidos
Teus raios de maldição?
Suspende... Dos pobres filhos
Oh!tende, Pai, compaixão!

.....
Antes cadaver... Ao menos
Não sentiria amargores:
Talvez que mão piedosa
De quem soffresse essas dores,
No meu sepulchro espalhasse
Pugilo de lindas flores.

A. A. Milton.

Como eu te amo.

Eu te amo como o leão ama o deserto,
Como a pata ama a lagoa,
Como o allemão ama a broa,
Como o remo ama a canoa,
Como a ceroula ama o cós,
Como o cordão ama o ilhós,
Como o cão ama o torresmo,
Como o tatú ama o buraco,
Como a banana o macaco,
Como ao sangue o carrapato,
Como o pé ama o sapato,
Como eu mesmo amo a mim,
Como o burro ama o capim.

VARIÉDADES.

O Sr. Arthur Borboleta.

SCENAS DE COSTUMES.

(Continuação do n. 682.)

Uma noute estava Emilia posta em socego,

janella, com a face encostada á palma da mão, sonhando um futuro ditoso ao lado do Borboleta Junior, quando sentiu que lhe pegavam na mão; sobrosaltou-se e ia gritar quando uma voz terna, amante, lhe murmurou aos ouvidos:

—Sou eu, meu anjo, eu que te amo e enlouqueço; em que pensavas?

Já veem os leitores que o rapaz não era pécco para a cousa, e que mostrava alguma pratica na governação do estado—amor.

—Ah! é o senhor... vá se embora, mamon pode chegar.

—Pois ella vindo eu vou, mas deixa dizerte uma e muitas vezes que te amo, e morro si não caso contigo! Dize-me, tu me amas?...

Ella, a sonsa, abaixou os olhos, e murmurou muito devagar:

—Ainda o pergunta?

Eu tenho muito medo das moças que abaxam os olhos com *pruderie*, quando affirmam o que ellas não sentem, ou que pelo menos sentem como illusão.

—Emilia, venha tomar chá, gritou a mãe dentro da sala, junto á porta.

—Adeus!

—Adeus!

E voltando para retirar se, Arthur deu uma boa cabeçada no peito de um sujeito que, de pé, como um espectro estava perto da janella.

O nosso heroe nem murmurou uma desculpa e ia escafedendo-se, permittam o termo escholar, quando o espectro segurando-lhe por um braço lhe perguntou com voz de trovão:

—O que faziã o Sr. aqui?

—Eu, murmurou o misero namorado, nada... perguntava á uma senhora si esta rua ia dar direito á praia.

—Ah! desculpe-me, pareceu-me ver outra cousa.

—Nada, não Sr.; boa noite.

—Boa noite!

Arthur retirou-se, e o pae de Emilia, o classico negociante, pois era elle, entrou em casa.

Perguntaria elle á filha o que fazia com um sujeito á janella?

Não sei, mas é facto que os namorados nunca mais conversaram juntos.

O Sr. Arthur ficou inconsolavel, mas como era borboleta, logo esqueceu a mimosa sinhá, e foi ajeitar ao redor de outras flores. Lembrou-se de pousar nas mimosas faces da Sra. Mariquinhas que era um verdadeiro pancação, mas que tambem era fructa prohibida.

Como se haveria neste transe não o sabia elle; a moça não era feia, nem arisca, gostava do *donaire* do rapaz, e de seus palavreados entrecalados de exemplos francezes da gram-

matica de Seveno, e sentenças de La Roche-faulcaud, tirados da litteratura de Daux e Rausmalen.

Morava a Sra. Mariquinhas em una casinha de porta e janella, á rua de... (esqueceu-me agora o nome da rua, mas isto não vem ao caso) vivia ella com sua mãe que era viuva de um pobre carpinteiro; ajudava-a no serviço da casa, especialmente em costuras do arsenal, d'onde tiravam a sua subsistencia.

Não era feia, ao menos para mim, que acho todas as moças bonitas, não o era, e o Sr. Arthur, pensando como eu, lá foi arrastar a sua aza, mostrando a Sra. Mariquinhas que elle não lhe desagradava.

Mas por infelicidade, a moça tinha um primo machinista, que entendia lá para si, não sei com que fundamento, que todas as primas são *de jure* dos primos, e que notando os continuos passeios do Sr. Arthur, já trazia os olhos e a ponta do nariz como um pimentão.

Ora, não ha cousa que mais enlouqueca uma boa cabeça do que seja o ciume, e o tal primo era ciumento como... como eu quando era rapaz, e lá no seu espirito apoucado passou a idéa de esfregar a roupa ao corpo do Sr. Borboleta Junior.

Era má a lembrança; tão má que estou certo que a victima não lhe agradecia, mas si o primo machinista pensava que era esse o melhor meio de se ver livre de um rival, o que fazer?

Faz-me este facto recordar um outro que se dava nessa mesma época.

Um pae tinha uma filha, cuja fortuna esbanjava; um rapaz a namora e pede-a em casamento; o pae recusa e alta noite procura o rapaz e quer metter-lhe o chicote; baldado o intento, manda em outra occasião dar-lhe um tiro; falhando o alvo, mudou de tactica, consentiu emfim no casamento, que com effeito se realisou, mas com outro neophyto, ainda imberbe e inexperiente em materia de mulheres.

Discutido e bem debatido na idéa do joven machinista, o projecto de uma sova de pau no lombo do Sr. Arthur, adormeceu elle, sonhando com os anjos, com Deus, e creio mesmo que com a policia ou a ronda da reserva.

Continuava o Sr. Arthur os seus estudos, então já alumno de uma academia.

Já fallava em physica e chimica; ainda mesmo que fosse por ouvir dizer, porquanto os seus collegas diziam (talvez por espirito de classe) que o que mais elle sabia era delinear uma bola á quatro tabellas.

Mas tudo neste mundo tem suas compensações, e o Sr. Arthur que pertencia á este

mundo também tinha as suas, não amava a academia, mas amava a Sra. Mariquinhas; para elle isto valia muito mais.

O Sr. Julio Borboleta não pensaria do mesmo modo, mas o pobre velho vivia no mundo da lua, e para elle também chegou o dia das compensações.

Um dia, dia nefasto nos annaes da vida do pobre Borboleta! o mestre da obra em que elle trabalhava perguntou-lhe si o filho não era alumno da academia, e á resposta affirmativa do Juca, disse-lhe:

—Pois elle deve saber desenhar; tenho aqui este esboço de uma planta que preciso arranjada com limpeza; você mande-o desenhar com aceio, que eu o gratificarei pelo trabalho.

O pobre Borboleta não coube na pelle de contente, vendo o conceito em que o seu estimado Arthur era tido pelo mestre, e provavelmente pelos conhecidos e amigos do mestre, e quem sabe?.....

Que honraria para tão pobres marquezes!

O homem veio voando para casa, logo que deu Ave-Maria. Embarafustando pela porta á dentro, foi gritando pelo filho:

—Arthur! Arthur!

Qual Arthur!

Nessa occasião estava elle rondando a porta da Sra. Mariquinhas esperando que escucesse mais para dar-lhe uma beijoca de baixo de todas as formalidades amorosas.

O pae esperou-o até ás 9 horas da noute, até que se resolveu a dar descanso ao pobre corpo, cansado do trabalho.

No dia seguinte, acorda-se o Juca muito cedo e vae procurar o filho que roncava como uma peça raiada em dia de combate, estendido em uma marquezia na sala de jantar.

—Olá, Sr. preguiça, até que horas se dorme nesta casa?

A' tão brusca interpeção, o nosso rapagão abriu um olho, depois o outro, até que conhecendo o pae exclamou:

—Ora, papae, vem o Sr. me acordar no melhor de meu somno!...

—Escuta, disse-lhe o pae, tu já sabes desenhar muito?

—Desenhar? qual! ainda agora estou principiando.

—Então este tempo todo que andaste no estudo... lá nessa escola...

—As mathematicas não se aprendem em um dia.

—Sim, mas o desenho... Olha, vê isto? perguntou-lhe o pae mostrando-lhe o esboço que o mestre lhe dera, podes desenhar esta cousa com limpeza?

(Continua.)

Quadrada ao domingo...

O Internacional de Londres refere o seguinte disparate:

A scena passa-se n'um collegio.

Ao approximar-se o dia dos exames, fez o professor recapitular os discipulos as lições aprendidas durante o anno.

Quando chegou á geographia, disse-lhes elle:

—Uma das primeiras perguntas que lhes hão de fazer é esta. «Qual é a forma da terra?» Si, por acaso, se esquecerem do que hão de responder, voltem se para o meu lado. Hei de ter na mão a minha caixa de rapé para lhes lembrar que a forma do globo é redonda.

(E' preciso notar que este mestre-eschola usava nos dias de semana uma caixa de rapé do feitio de um ovo, e que ao domingo a substitua por uma quadrada, toda cheia de esmaltes.)

Chega o dia do exame e o examinador faz a um dos discipulos a tal pergunta: «Qual é a forma da terra?» Perturba-se o interrogado, não sabe o que ha de responder, mas lembra-se logo do avizo do mestre e volta-se para elle, que leva immediatamente a mão a caixa de rapé.

—A terra, respondeu então o examinando, posto momentaneamente em confusão, pela pergunta, a terra é quadrada ao domingo e redonda nos outros dias da semana.

Verdade.

Perguntando certo sujeito a um homem de que vivia, respondeu:

—Si Vm. me perguntasse de que morro, eu lhe responderia que de fome.

Epigramma.

«Não vejo *fulano* ha tempo,

«Não sabes que fim levou?...

«'Stá doente? —Não! «Morreu?

—Peior do que isso... casou.

ANNUNCIOS.

Rapazeada!

Um sarapatel preparado por maneira nunca vista se dà hoje de graça aos concurrentes do café e vispora da rua do Julião n.º 18, o qual mudou de nome e chama-se agora— Casa de pasto club da rapazeada.

Venham todos saborear essa gostosa petisqueira que de mais a mais não tem o menor resaiço de azinhavre.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 69.^a

QUARTA-FEIRA 24 DE AGOSTO.

N. 685.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numero; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES. — Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de agosto de 1870.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, dizendo-lhe que não pode ser para fins licitos que se reúnem todas as noites, em uma casa velha, ao terminar da rua da Poeira, diversos individuos, os quaes, algumas vezes por discordancia, sem duvida, suscitada na pratica do fim para que se ajuntam, alteram as vozes de forma a serem ouvidos por quem passa na rua, pelo que torna-se conveniente que S. S. procure saber o que faz aquella companhia nocturna, e a faça dispersar logo que reconheça que se dá a qualquer fim illegal.

—Capitão, eu nutri sempre boas intenções a respeito da policia, embora por aqui ella durma soffrivelmente e não queira se intrometter em negocios serios.

—No que faz muito bem; para mim a primeira qualidade de qualquer delegado de policia é a *prudencia*.

—Mas as vezes sou forçado a fazer meus reparos, por ver a demasiada complacencia com que olha para certos factos.

Ora, dizem por ali rasgadamente, que uma fragil e desventurada creatura, a quem o doce nome da liberdade não é dado invocar, não podendo resistir aos dolorosos supplicios com que era atormentada, por um acto de desespero quiz dar cabo da existencia.

A miseranda escrava, preferia assim, uma morte breve, ao lento martyrio que diariamente lhe fazia soffrer a mão possante de robusto africano, a quem seu algoz ordenava que lhe flagellasse o corpo.

—Opprobrio da humanidade!

—O facto foi publico; a infeliz atirando-se de uma eminencia foi bater com o corpo no solo, semi-morta, á vista de uma multidão de curiosos, a quem o acontecimento attrahira.

O baque não a matou, mais deixou a em estado que sua existencia pode de uma hora para outra succumbir.

E a senhora policia na sua impassivel serenidade, não procurou saber como foi isso, não mandou proceder ao indispensavel corpo de delicto!

O facto de attentar contra sua vida, uma pessoa, que pela sua condição de escrava deve dar o que pensar, mereceu tanta attenção, como si se tratasse da existencia de um passarinho!

—Que interesse pode despertar a sorte de uma misera captiva, uma desgraçada privada da sua parte na herança commum!

—Apenas a authoridade local appareceu, muito depois, mais para *accommodar* do que para ventilar.

—Formalidades.

—Eu sei que sou mais que incompetente para formular juizos sobre a marcha que segue a policia em seus negocios, mas sou obrigado a dizer que muitas vezes por indolencia sua a impunidade é authorisada.

Si a illustrissima recorrer aos seus assentos, ha de achar nelle um caso de uma certa mulher livre, encarcerada em um quarto, levando bolos e á jejum de pão e agua, facto de que teve sciencia e verificou, mas foi logo embrulhado na *bandeira* da condescendencia.

—Quando eu digo que esta terra está entregue as beratas, ninguém quer acreditar.

—Mas o que aconteceu?

—No domingo, á meia noite, pouco mais ou menos, um sujeito de côr parda espancava horrivelmente a uma mulher cabra na rua do Bacalhau, acompanhando as pancadas de termos immoraes e obscenos.

A rapariga pedia-lhe, debaixo de pungentes gemidos, que a perdoasse, mas o fero coração do carrasco não se commoiva.

Dopoiz de muitas bordoadas passou um sujeito que accommodou a rascada; porem ainda assim continuou elle nos termos obscenos, e ufano da peleja, dizia:

«—Vae agora para casa de Sophia, dize a

aquelles machos que lá estão que eu acabo de te dar bastanto e si elles quizerem que venham tomar satisfação d'isso!»

Com todo este barulho não compareceu um só guarda nem nenhum outro agente de policia!

—Capitão, no sabbado das 11 para as 12 horas da noite, houve na rua da Lama pancadaria á valer.

—Quem foi o paciente?

—O official de justiça José Joaquim de Sant'Anna, o qual se acha gravemente doente.

—E quem foi o agente d'esse attentado?

—O alferes Gil do 5.º batalhão da guarda nacional.

—E porque razão practicou tão feio acto?

—Dizem que por ter Sant'Anna dirigido algumas palavras amorosas á sua amasia.

O subdelegado de S. Pedro foi hontem a casa do Sr. Gil e prendeu-o, mas depois vendo que o não podia fazer, visto como não o havia encontrado em flagrante, mandou-o pôr em liberdade

—Sant'Anna toca e canta modinhas, por conseguinte isto não foi sinão dividido ás consequencias do violão.

—Por fora muitos babados, por dentro mulambos só.

—Ja V. vem com historias?

—Não; é que mandaram aceiar a frente da casa da moeda para a chegada do conde e condessa d'Eu, e deixaram o lado da rua Direita e da ladeira da Misericordia em completo estado de porcaria.

—Mas suas altezas vão lá olhar para os lados da casa da moeda!

—Nesse caso, estando limpo o frontispicio está tudo aceiado, não?

—Justamente.

—Então representa o mesmo que uma mulher de vestido de seda, cara limpa e... sim-senhor sujo?

—Ora vá elle!

—Capitão, sabe o que se deu comigo no portão da praça de Riachuelo?

—Não.

—Estava eu conversando com um irmão meu, relativamente ao melhoramento que fizeram na mencionada praça, quando se aproxima um gallego e diz:

«—Aqui na Valhia não se pode fazeri melhoramento, porque o *Alabama* se põe logo a censurari.

Nesta praça todas os domingos daba-se uma prenda á quem comprava um vilhete, e

o *Alabama* ridicularizou e desmoralizou muitas familias!»

—Esse gallego, provavelmente, ignorava que V. é tambem da tripolação.

—E' de suppor.

—Em que dia se deu isso?

—No domingo, pelas 4 horas da tarde mais ou menos.

—Que atrevidão! Si houve censura e desmoralisação nas publicações que sahiram no *Alabama*, elle que se queixe dos que as mandaram, que foram n'este caso os culpados.

—V. não sabe o nome d'esse gallego?

—Não, mas posso indagar.

—Pois é um grande favor, porque eu quero mandar o muxingueiro esfregar-lhe a lingua para não andar fallando aéreamente aquillo que ignora!

—Capitão, V. Ex. não podia passar em occasião mais adequada.

—Aqui pelos Algibebes?

—E' verdade.

—O que ha?

—Escute.

—Parece que ouço pranto.

—E' o soluçar de uma creança.

—Está soffrendo?

—E' victima do genio mau de uma senhora villosa; uma mulher barbara, uma pimenta na indole.

—M trata-a?

—Desapiedadamente.

—Porem que mal fez essa creança?

—Porque sente a ausencia da mãe que está na Correção.

—Deus piedoso! E' uma crueldade!

—A preta ja não podendo soffrer rigorosos castigos, fugiu e foi para a Correção; o escravinho indo á rua comprar não sei o que, quebrou um prato; a dura senhora deu-lhe a escolher ou outro prato ou uma surra.

—Por tão pouco!

—Atemorisado, largou-se para onde estava a mãe; de la veio recambiado e depois de severo e excessivo castigo, está aferrolhado n'um quarto desde terça ou quarta feira passada! Toda a vez que chora e chama pela mãe, apanha rigorosamente.

O pobresinho está como desvairado. A visinhança clama.

—Deus não se serve disto!....

Pois nem a tenra idade da victima move a compaixão dessa senhora!...

—So coração de feral!.... querer abafar a voz da natureza, querer rasgar os vinculos do sangue, privando um filho de ter saudade de sua mãe!..

—E um filho que, aterrado pela enormida-

de das cruzas com que é tratado, chama em seu soccorro aquella que elle entende ser a unica que lhe pode acudir.

—Quem não se enternece ao pranto de uma creança não é accessivel a mais nenhum sentimento de humanidade.

Adeus, eu vou d'aqui entender-me com quem pode fazer minorar os soffrimentos a esse miserando paria.

—Que destino foi esse rapaz?

—Capitão, venho dar-lhe informações.

—A respeito de que?

—O chefe de policia incumbiu ao subdelegado da Rua do Paço de syndicar o facto de ter a cabra Ermelinda em seu poder uma orphanzinha a quem maltracta.

—E o que foi feito?

—O subdelegado mandou chamal-a á sua presença, mas ella esconden-se.

—Disseram-me que não sahe á rua; soffre de morphea.

—Primeiro aproveitaram-se da evasiva que a Ermelinda de que tratava a ordem do chefe de policia era creoula, e, a chamada sendo cabra, não era ella; não prevalecendo, porem, semelhante argucia, apresentou-se ao subdelegado uma irman da cuja e declarou ser verdade que amordaçavam a creança, em razão de ter ella o vicio de comer terra.

—A desculpa é que está de papa terra.

—E que o facto de exporem-na ao ludibrio e irrisão dos moleques era para envergonhal-a á ver si se emendava.

—Não é com rigores que se corrige; isso não faz mais do que habitual-a a perder o brio.

—O subdelegado teria feito uma obra de charidade remettendo aquella pobre orphan para qualquer pio estabelecimento, por que, realmente, a tal mulher não está no caso de encarregar-se da educação de uma creança, não so pelo seu estado physico como moral.

—Capitão, dá licença para um retoque?

—Não ha a menor duvida.

—O voluntario Simão, preso nesta cidade como captivo do coronel Tintas, assentou praça no batalhão commandado pelo coronel Domingos Rodrigues Seixas, em dezembro de 1865, com o nome de José Pinto de Carvalho, fez a campanha do Paraguay e voltou á esta cidade no 40, commandado pelo brigadeiro Faria Rocha; teve baixa em março de 1870.

—Tem mais alguma cousa a dizer?

—Nada; eu apenas queria reparar essas omissões que escaparam.

—Então, vá-se com Deus.

—Parece maldicção!

Não ha uma vez que os *bonds* dos Trilhos Urbanos passem pela rua do Rosario de João Pereira que não saiam fora dos trilhos!

—Estou que isto é defeito do assentamento.

—Não sei, sei que os prejudicados são os passageiros que levam mais de uma hora d'aqui que deitem os *bonds* no lugar.

—Que diabo é aquillo?

Tanta gente correndo para o caes junto ao ponte dos vapores da companhia Bahiana, e aquella gritalhada tamanha.

—E' um preto que quiz matar um rato e na precipitação que correu atraz do animal cahiu ao mar.

—Porem não lhe succedeu nada?

—Absolutamente.

—Como hoje ainda é 23 de agosto, por isso fiz esta pergunta.

—Segunda-feira andou um inglez nú pela cidade de baixa.

—Traria alguma faca n'algibeira?

—E' serio; o homem da terra das batatas, girando n'uma athmosphera verdadeiramente alcoolica, phantasiou remontar-se aos tempos em que a humanidade não era maliciosa; sem o menor embaraço alliviou-se dos trajes que lhe resguardava o corpo aos olhos do pudor, e, novo Adão, eil-o a fazer desde Santa Barbara á rua Nova do Commercio seu paraizo terreal!

—Bebedeiras que não servem.

—De todos os remedios applicados para lhe fazer curtir a mona, o mais effcaz foi uma dose de socos que lhe applicaram que o chamou logo ao estado habitual.

—As irmans de charidade deitaram para a rua o porteiro do hospital da Santa Casa; um pobre e honrado chefe de familia, empregado ali ha 7 annos!

—Isso mesmo é virtude; expor á fome uma familia inteira!

—Os meios de que se servem as irmans de charidade para descartarem-se de tudo quanto é nacional, empregado no hospital, é o mais baixo e indiguo possivel.

Hypocritas, não usam de franqueza. Adoptam os expedientes capciosos, as tricas, ora pondo em prova a dignidade do individuo com imposições desarrosadas, ora pretendendo forçal-o a contrafazer-se em seus habitos e costumes, afim de que elles se vejam na dura alternativa de retirarem-se ou sujeitarem-se á uma condicção humilhante.

—Que plano diabolico!

—As irmans de charidade ouviram por

muitas vezes o homem manifestar o temor que lhe infundiam os doudos. Guardaram sempre meliante declaração para a occasião azada.

Um dia destes, foi chamado á presença das bondosas mulheres, e estas lhe declararam que d'aquella data passava elle a accumular as funcções de porteiro e enfermeiro dos doudos! Foi o mesmo que enxotal-o para a rua!

—Dous cargos incompatíveis: o porteiro ou bem havia de estar á noite á porta do hospital para abril-a quando batesse algum doente em perigo, ou bem havia de estar velando ao lado dos doudos. Salvo si o homem tivesse o dom de dividir-se.

—O Romualdo, é um homem velho, debil, doente, cego de um olho, e, como, e como tal, impossibilitado de desempenhar as funcções de enfermeiro dos doudos, que deve ser um individuo robusto e possante.

—E' exacto.

—Mas quer saber a causa do malevoló e calculado proceder das irmans de charidade para com o pobre homem?

O porteiro do hospital incorren em grave culpa para com ellas, culpa que era preciso punir irrevogavelmente.

—O que seria?

—Há dias, publicou-se que os doentes quasi ficam sem carne, por não haver quem escrevesse o pedido; aquelle homem era o portador que a ia buscar no curral e nesse dia tomou-a em confiança ao Sr. Azevedo.

As irmans entenderam que ninguem, a não ser elle, podia relatar aquelle facto, e dessa hora juraram, em seu despeitado rancor, vingar-se da innocente victima. Dias depois o homem era forçado a demittir-se!

—E por mera suspeita priva-se um homem dos meios de subsistencia, e expõe-se toda uma familia á miseria! Como são puras as irmans de charidade!

—Pasmé porém do cumulo de hypocrisia! A irman de charidade encarregada de lhe impor a nova resolução, quando o mandou chamar estava na capella; quando elle chegou encontrou-a de joelhos.... Tinha acabado de receber o Santissimo Sacramento... por que as irmans de charidade confessam-se uma vez na semana e commungam todos os dias!

Foi causando um mal, que ella curvada ante o tribunal da penitencia, agradecia ao Deus de misericordia a graça de dar seu corpo a comer na hostia consagrada,

—E desta forma vão ellas pouco a pouco extinguindo do hospital os empregados brasileiros! Dos antigos só resta o Sr. Anselmo.

—E esse que va esperando a sorte que lhe aguarda. Porque as irmans de charidade na

sua admiravel pureza de sentimentos são capazes de tudo.

VARIEDADES.

Petição e despacho.

Estando preso em S. João d'El-rei, pelo crime de furto, certo individuo que por alcunha era conhecido — Busca-Vida — este fez o seguinte requerimento ao ouvidor da comarca:

O Busca-Vida está preso,
Senhor, mandai-o soltar.
Que elle solto busca a vida,
E preso como lia de buscar?

O ouvidor, que de perto o conhecia indifferiu-lhe o requerimento desta forma:

Si o Busca-Vida está preso,
Proso deixe-se ficar,
Que na cadeia não furta
E solto pode furtar.

Ricardo Alexandre C. Farias.

Um homem previdente.

Um medico da nova escola vivia só em casa, lá para o bairro d'Alfama, tendo apenas um gallego que fazia os recados.

Um dia quiz sahir de Lisboa, para ir passar algum tempo ao campo; mas, lembrando-se que, durante a sua ausencia, podia a humanidade reclamar os seus cuidados pôz na porta da rua este aviso;

« Eu vou passar uns dias fóra, deixo para me substituir, o meu amigo F... — Si alguém vier de noute procurar-me e não poder ler este aviso bata á porta do visinho defronte, que é o meu sapateiro, e peça-lhe uma candê que elle promptamente a emprestará para fins convenientes.

Epigramma.

Queixando-se um cardeal ao papa Leão X de que Miguel Angelo o tinha representado n'um quadro que figurava o inferno, recebeu a seguinte resposta:

—Si Miguel Angelo vos tivesse posto no purgatorio, poderia eu tirar-vos de lá; porem, foi no inferno, e bem sabeis que o meu poder não chega tão longe.

Não é fabula.

Ha pouco falleceu um negociante da praça de Lisboa que tinha no seu escriptorio um regulamento em que se lia o seguinte:

Regulamento escriptural para a classe caixeiril.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 69.^a

DOMINGO 28 DE AGOSTO.

Ns. 686—687.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numero; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES. - Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latroopolis, bordo do *Alabama*
27 de agosto de 1870.

Officio á camara municipal, advertindo-a do damno que podem causar dois buracos que existem, um no final da ladeira da Misericordia e outro por baixo dos arcos do mesmo nome, sendo este ultimo de immenso perigo por se achar a calçada toda solapada e ameaçar abater-se á qualquer hora.

Para que não se diga que essa Illma. só cuida em arranjar aos parentes e afilhados esquecendo-se do resto de seus municipes, espera-se que quanto antes mande proceder aos respectivos concertos.

—Capitão, sabe de uma?

—V. dirá.

—A chegada do conde d'Eu fez a presidencia andar da sala para a cosinha.

—E' dê veras isso?

—Por causa de colchas.

Não sej si teve vergonha de apresentar as *relés* colchas que costumam adornar as janelas de palacio, ou si ellas não chegavam para todas, o caso e que andou a bater aqui e acolá pedindo sem achar quem lh'as quizesse emprestar.

—Não diga isso que parece miseria!

—Mandou pedir na Conceição da Praia e á Meza dey com um solemne não, salvo si S. Ex. se quizesse sujeitar á condição de pedil-as oficialmente.

—Mas eu vi colchas nas janelas de palacio.

—Como se arranjou não sei.

—E' a Bahia imitando as mulheres garriadas, que tomam emprestados os adornos alheios para se apresentarem enfeitadas.

—E eu acho uma louca vaidade essa, querer ostentar luxo sem poder. Quem não tem deve resignar-se a se acomodar com o que é seu.

—Va ao hospital de charidade pasmar de um quadro de horror!

Va ver a quanto pode chegar a perversidade humana!

—V. me assasta!

—Va ver um infeliz escravo vindo do Inhampube, surrado, com as carnes estafegadas, as nadegas apparecendo os ossos; um verdadeiro martyr.

—A quem pertence?

—Dizem ser escravo do Sr. Manuel Centino de Carvalho!

—Justiça de Deus! . . . condoi vos dos desgraçados!

—Eu não creio em abusões, sinão diria que um spirito maligno acompanha aos recreios e passa-tempo imperiaes.

Trata-se de festas reaes ha sempre uma desgraça.

O rei faz annos e la vóa o braço de um pobre artilheiro, a medicina tem de amputar uma perna, um vivente fica com o craneo esmigalhado; ou então uma familia desolada lamenta a perda de seu chefe, guarda nacional, que foi á parada e lá apanhou uma maligna de que vem a morrer ao cabo de oito dias.

—Todos esses casos são exactos, é verdade, mas não creia ser por isso ou aquillo que se deram; foi a força cega do acaso.

—Até com a chegada do Sr. conde d'Eu a esta terra ia havendo uma morte desastrosa.

—Mouve disso?

—O ordenança do chefe de policia ia mandando um homem.

—Logo o ordenança do chefe de policia?

—Corria impetuosamente n'um cavallo, eu não sei porque motivo de utilidade publica. Um homem que sabia do becco do Arcebispo não teve tempo de esquivar-se; o cavallo foi sobre elle, atirou-o de peitos ao chão, passou-lhe as patas sobre o corpo e partiu-lhe a cabeça. O furibundo cavalleiro proseguiu em seu dosembestado gallopo deixando o homem estendido na calçada de onde o conduziram á botica do Sr. Buecher.

— Nem por ser ordenança do chefe de policia sabe que é prohibido correr a galope, momentaneamente n'um dia em que a concurrencia do povo dobrou na rua!

— Nesses dias ha proposito de ostentar apparato.

— Nem ao menos o homem ia a serviço; acompanhava o carro vasio do chefe de policia.

— V. sabe o Tororó.

— Ora essa!

— Por conseguinte não ignora que na sua demarcação ha um quartel.

— O da Mouraria.

— Também sabe que ali existe uma vertente que supprime parte da população de agua potavel.

— E' exacto.

— E que nas proximidades, actualmente, edificam-se muitas habitações.

— Tal e qual.

— Alem de que, não se pode dizer que o local está fora do centro da cidade.

— Ao contrario pertence á uma das freguezias centraes, á de S. Pedro.

— Pois é ali que actualmente se faz o despejo de tudo quanto é podridão da cidade.

— O' gentes! Parece incrível.

— Não, Sr., não é incrível. Estão atterrando o Tororó com o lixo, as impurezas, a excrecencia que os carros da limpeza apanham pela cidade.

— E o proprietario consente?

— O Sr. João do Tororó, agente do Sr. Lacerda, é quem manda deitar e o Sr. Antoninho do cisco, que vê cahir-lhe a sopa no mel, fica gostando pelo corpo.

— E a saude do povo, o bem publico, devem soffrer pelo interesse de um particular?

— Isso é que eu desejava perguntar ao chefe de policia.

— Si com esse abuso não ha risco para salubridade publica, também pode elle estabelecer ali um deposito de polvora, montar uma fabrica de curtume, queimar oleo, etc.

— De certo.

— Andou hontem o conde d'Eu por esta cidade; eram 11 horas e os carroceiros da limpeza não se tinham aviado nas ruas por onde tinham de passar o principe e sua mulher! por exemplo a rua do Collegio.

— Por fallar nisso aquelle pedacinho das Portas da Ribeira á rua d'Alfandega estava impagavel para se transitar a pé!

— Não que eu entenda que por ser elle principe tenha mais direito aos commodos publicos que qualquer outro cidadão, mas logo que

se tractava de receber um hospede illustre devia haver todo cuidado para que a recepção fosse condigna e não ficasse patente o nosso estado de atrazo, e o Sr. Antoninho do cisco sabia muito bem que o principe saltava nesta terra, e podia tomar suas medidas em tempo.

— A companhia de Vehiculos mandou na sexta-feira tres bonds para conduzir a egreja do Bomfim suas altezas imperiaes e sua comitiva, mas somente foram precisos dois.

Ficando porem um bond vasio, entenderam alguns capadocios que deviam invadil-o e seguir nelle a poder da força.

— E conseguiram os seus intentos?

— Não, porque safaram o bond fora do trilho!

— Que insubordinação!

— Depois de até quebrarem o transporte compareceu a policia e os obrigou a sahir.

— Não passemos por aqui! E' uma rua impossivel.

— Como impossivel?

— Por causa da camara municipal.

Conserva ante-hygienicamente abertos todos estes açougues arruinados para recepção de lixo e immundicie.

As varejeiras que brotam da excrecencia apinham-se sobre a carne dependurada nos talhos, e do meio dia em diante os vermes passeiam livremente sobre o genero alimenticio!

Em seu zumbido aquelles insectos parecem dizer:

«Nós te agradecemos, ó camara municipal! Tua bondade creou-nos aqui um perenne viveiro, onde estamos a coberto das vistas da empreza do aceio da cidade, flauteando as condições da salubridade publica.

«O ceu te abençoe e te conserve cega como agora por um milhão de seculos!»

— Pois então ja que ha isso, saiamos deste lugar! não passemos pelos talhos de S. Bento. Está muito municipal de mais!

— Mas não se esqueça de conservar o lenço ao nariz.

— A policia armada no dia 26 tomou a si a tarefa de andar fazendo disturbios.

— E' uma bem curiosa!

— Um sargento das ordens da presidencia enfeitou-se no ultimo furo e começou suas facanhas indo provocar com o sentinella das armas da guarda de palacio; insultou, ameaçou o paciente soldado que só fazia advertil-o que se retirasse.

— Que cachaca imprudente!

—Um paisano quiz desviar-o da desvairada senda em que ia, mas teve em recompensa um cardumo de injurias.

Dali seguiu pela rua da Misericordia comprando bulha, porem todos a quem se dirigia, conhecendo-lhe o estado, davam-lhe caminho.

Atraz da Sé entrou em uma venda e esbofetou um menino; sahindo dali agarrou o sacristão da Sé e desfeiteiou o futuro papa-hostias de uma maneira criminosissima; depois do que, apedrejou a sacristia da egreja, onde se tinha refugiado o offendido; não contente voltou tres ou quatro vezes á sua procura.

De desatino em desatino foi até a Baixa dos Sapateiros onde pôz tudo em alarma; deu pancada, atirou pedras, fez o diabo; eram 7 horas, e uma força de seu corpo não tinha conseguido prendel-o; foi preciso ir segundo reforço de gente para leval-o.

— Si estivesse ebrio não faria tanto barulho.

— Nas Portas da Ribeira houve tambem um sarceiro, provocado por um policial e teria consequencias funestas, a não ser a prudencia e moderação do patrão-mór. Basta dizer que envolveram-se dous batalhões da guarda nacional pelo lado do policia e a marinagem do outro, ficando um destes com uma cutilada.

— Isto é prova que nós andamos ao inverso em tudo; a policia em lugar de accommodar, é a primeira a perturbar a ordem.

— «Cambada misarave!... Quando estayam com o nariz nas *poias* não se queixavam. E' mior que apanhem e comam... Parece que esta *canaia* não lava nem o c...»

— Quem zangou este homem?

— E' o carroceiro do Pilar que descompõe o povo.

Altercou ali com um portuguez que queria deitar cisco na carroça, deu ao homem noticias da velha mãe, e agora está brindando o publico com aquellas mimosas flores da sua rethorica de invectivas e ultrajes.

— Mas é um desaforo! Insultar assim com tanta insolencia! Não repara esse desavergonhado arreeiro que, englobando a todos nessa serie de injuriosos vituperios, vão muitas familias no meio?

— Parece que são insinuados; toda questão é porque o povo não quer pagar os cubicados 500 rs. mensaes.

— Si alguém infringe alguma disposição do contracto, chamem os fiscaes, recorram ao subdelegado, porem não se authorise a um insolente, muitas vezes um moleque captivo, a insultar a todos em geral.

— E' a recompensa que recebe o povo que

com seu suor concorre para sustentar essa comedia chamada limpeza da cidade.

— E esta terra tolera á custa de seus recursos uma empreza que, em lugar de beneficios, só pode trazer males á população, criando focos pestilenciaes em seu seio, e que em cima as fezes de seus agentes são authorizadas a insultar o povo!

— Dizem que o governo deve 5 mezes de soldo ás praças do 14 de linha e não lhes quer pagar.

— Injustiça que brada aos ceus!

Ha dinheiro para esbanjar em templos de papelão e não chega para pagar áquelles que calados supportam a fome, a nudez, as intemperies, os perigos, em defeza da nação!

— O orçamento talhado em largas fatias é dividido pelos sanguessugas das rendas publicas, enquanto o soldado coberto de cicatrizes, soffre fome, porque uma ninharia que ganha, não lhe pagam!

— E exigem que elles andem limpos e ajeitados!

— Pobres homens!... em uma terra extranha, longe de suas familias, paguem a lavadeira, a engomadeira, comprem os preparos exigidos pelo uniforme, sem dinheiro!

— E' o mesmo que lhes apontar a estrada e dizer-lhes que nos dias de folga vão esperar o transeunte, ou então que postem-se pelos alpendres a estender a mão á charidade publica.

— Em quanto as ruas da cidade estão porcas e sujas, os carroceiros da limpeza brigam de bando!

— O que é brigar de bando?

— E' como fizeram segunda-feira em Santa Barbara.

Um delles vae acotovellar um inglez que passa medindo os planos e altos de nossas calçadas; o cujo leva a mal este gracejo e arma um murro; em troca tem uma cabeçada que o estende a fio comprido.

— Um socco inglez é poeira diante da cabeçada dos nossos capociras.

— Levanta-se, põe-se nú em pello para brigar; atraca-se com o carroceiro, mas os companheiros deste cahem furiosamente de taca sobre o homem que, quando não poudo mais supportar a mela, largou-se a correr n'aquelle estado, apresentando um quadro pouco agradavel aos olhos da castidade.

— Parece que aqui a decencia vae se habituando a essas vistas de indecencia pela frequencia com que ellas são expostas nas ruas.

— Está o que fazem os carroceiros, deixam as ruas immundas e agglomeram-se pelos

arcos de Santa Barbara a fazer desordem e provocar scenas contrarias á honestidade.

—O governo da provincia teve uma inspi-
ração louvavel.

—Qual foi?

—A escolha do Sr. commandante superior
J. A. da Silva Carvalho para director geral
dos indios.

—Tem razão; a nomeação faz honra.

—Infatigavel no bom desempenho de tudo
quanto se encarrega, dotado de rara activida-
de e desvello, o Sr. Carvalho ha de corres-
ponder dignamente á confiança nelle deposi-
tada.

—Hoje ha festejo em Brotas pela termina-
ção da guerra.

—A freguezia de Brotas é muito patriota;
distingue-se sempre nas demonstrações pu-
blicas.

—Vae pregar o Rev. Fr. Carneiro, orna-
mento distincto da tribuna sagrada.

—Eu que vou á essa função patriótica,
hei de reservar alguns momentos de regosijo
exterior para ir ao templo ouvir a voz elo-
quente do orador sagrado.

—E como o Sr. seja muita gente.

—Que sucia devoradora!

Sentaram-se na meza e deixaram-na em
arvore secca!

—Ha gente que só vae a certos actos com
sentido nos pirões. Apresenta-se unicamen-
te para comer!

—Comer muito, ainda tem um passe; mas
estragar, encher os bolsos!...

—E' para V. ver que no meio da gente
chamada classificada ha muita cousa ralé.

—Que ideia ficará fazendo quem nunca ti-
nha vindo á esta terra e presenciou como se
portou certa gente no almoço dado ao prin-
cipe!

—Capitão, na quarta-feira ouvi em certa
parte um official do 14 dizer que tinha casti-
gado um soldado a fazer sentinella por espaço
de nove horas, isto é desde as 10 horas da
noite até as 7 da manhan.

—Não foi castigo, foi rigor, flagello, mor-
tificação, crueldade; uma violação da lei
militar.

—Alguem que ja serviu, perguntou lhe si
estava authorisado para fazer tal.

—Responden que não; mas que o soldado
ficara mais satisfeito do que si o tivesse pren-
dido e dêsse parte no quartel.

—Como fazem do soldado uma machina
ambulante, não duvido que elle, desconhe-

cendo seu direito, sujeite se pela prepotencia
da superioridade, a ser victima dessas arbi-
trariedades. Mas que o Sr. official commet-
teu uma falta reprehensivel, não ha duvida.

—De maneira que, para punir uma falta
cabiu em outra maior, violando o regulamen-
to militar.

—Mas essa falta tem seu lado de bondade,
castigando illegalmente o soldado, quiz o offi-
cial allivial-o de pena maior no quartel.

—Abusos é o diabo! Todos tem obrigaçã,
te respeitar o que a lei estatuiu; si as cou-
sas forem assim á vontade de cada um, bem
triste será a condicção do soldado pela sua
posição inferior, á mercê dos caprichos do
official.

—Mas abi está o Sr. commandante das
armas para fazer observar strictamente a lei;
elle que faça punir o soldado quando delin-
quir, mas tambem que não consinta que es-
tejam sujeitos á violencias desarrasoadas.

—Então entregou os recibos?

—Sim, Sr.

—E o que disse elle?

—Aceitou-os lampreiramente.

—E' preciso ter a cara muito dura!

Assignar, sem ninguem lhe pedir, uma fo-
lha; nunca pagar e dizer ao cobrador depois
deste lhe procurar por diversas vezes — *como
está me importunando, não pago!*

Manda-se lhe por desfeita offerecer os re-
cibos e elle aceita deslavadamente, como se
recebesse um prato de doce!

—E ainda o Sr. teve a ingenuidade de dei-
xar decorrer seis mezes, julgando que nesse
tempo elle se envergonhasse!

Aquelle *tenente* é o rei dos caloteiros.

—A *policia* se fosse mais minuciosa tinha
muito tropiante para agarrar!

Espinho que tem de picar de pequeno traz a ponta

Um rifão da antiguidade, tem sempre do
seu lado a experiencia, Os nossos maiores não
eram tão bôbos como nós; elles davam mais
atencção ás cousas, e por conseguinte decidiam-
nas muito melhor que nós, e o caso é que an-
tava tudo muito acertado. Nada mais verda-
deiro! o espinho que nasce rombudo, o caval-
lo que nasce para cangalha, é asneira, nem
o espinho sendo grande hade ter ponta, nem
o cavallo levará sella.

Chega um menino á idade de ir para escho-
la: então todos os dias pela manhan é uma
campanha grande, chora, esperneia pelo chão,
esconde-se, rompe as cartas, e faz quanta di-
abrura ha para não sahir de casa: outro, po-
rem, é o que anda atraz dos paes para despa-

chal-o cedo, e o ir para classe é uma alegria para elle.

Vê-se uma rapariga, sem que ninguém a ensine, sem mesmo ver ninguém namorar, só porque espinho que hade picar traz ponta, recebendo até uma educação religiosa, logo que chega aos treze annos já não ha quem possa com ella; anda espartilhada e lepida a todas as horas do dia, namora por artes de Mr. Robert, tanto aperta o olho esquerdo como o direito, tudo lhe faz conveniencia, uma vez que seja bicho homem, traz enredados a mais de meia duzia, e namora pelas janellas do quintal aos vizinhos, pelas dos lados da casa diz adeus e finge galimanhas para alguma cabeça de homem, que apparece em janella longe, pelas das ruas não se falla, recebe cartas, falla na escada, e mostra toda esta habilidade sem mestre: porque? é espinho de ponta, vem picando de principio.

Admittem-se varios caixeiros n'uma casa; tem lá um de olho vivo, que não dispensa nunca o augmento de quatro vintens que lhe ficam na algibeira, quando paga ganhadores; que vem chorando um dia dizer ao amo que perdeu o dinheiro da cobrança, e elle lhe lesconte no ordenado que é de cincoenta mil reis e elle perdeu sessenta; que se não esquece de deixar cahir atraz do contador alguns cobres. aos quaes faz que não vê, e que procura sollicito quando fica sosinho no escriptorio. Em que collegio desenvolveu-se assim o rapaz? é que o espinho trouxe ponta, não o formou a natureza rombudo.

N'uma repartição são immensos os empregados; mas um desde o dia que tomou posse do logar, sabe inventar mentiras para sahir antes da hora, sabe fugir, e aproveitar-se das occasiões, em que os superiores estão em sessão para correr ao archivo e ahi fumar, e finalmente não ha estrategia que não conheça; que diabrura é esta? E' um espinho de ponta finissima.

O moço que, ha de ir á estrada, principia em casa na bolsa do pae, o qual vê o vicio do filho, e a disposição terrivel que manifesta e chama rapaziada, ao furto que elle fez. A aguia que hade subir aos ceus da sabedoria, procura remontar-se desde que sahe do ninho: Miguel Angelo, Napoleão, o Padre Vieira, Rubens, Bemvenuto e outros de todas as classes e condições, mostraram que eram espinhos pontudos desde os primeiros annos de sua vida. E' desenganar que cada um em sua natureza traz o germem de seus vicios, as suas disposições virtuosas: a educação pode, é verdade, muitas vezes fazer com que o espinho rombudo, fique alguma cousa pontudo,

mas nunca que fure como o que nasceo com ponta.

LÁ VAE VERSO

Porque será?

Mas que muito, si ha gente e gente grave,
Que em seus olh's não vê nem uma trave?

BOTAZZ. — Fabulas.

(Continuação dos ns. 683—684.)

Porque será que os soldados,
Na educação tarimbeiros,
São da revolta os primeiros,
Sendo, as vezes, pouco ousados?

—E' porque são premiados,
Seguindo quem os commanda,
E, assim, vencem a demanda,
Sem serem ás leis sujeitos,
Quando, si andassem direitos,
Nunca andariam de banda.

Porque será que os rapazes,
A quem só aponta o buço,
Namoram, ja sem rebuço,
E são de tudo capazes?

— Porque os paes, pouco sagazes
Chamando ao vicio energia,
Não dão aos filhos um guia,
Vendo-os da vida na aurora,
Porque não pensam, agora,
Que levam couce, algum dia.

Porque será que janotas,
Sem riqueza, e sem officio,
Fazem continuo exercicio
Com reis, valetes, e sotas?

— Porque, no mais, idiotas,
Teem da má sorte receio,
E porque o mundo está cheio
De vicios, em toda a gente,
Julgam commodo, e decente,
Viver do suor alheio.

Porque será que alguns padres,
Sendo heroes na hypocrisia,
Teem, em cada freguezia
Uma porção de commadres?

—E' porque, sendo compadres,
Podem, qual rato em celleiro,
Mettendo, com modo arteiro
Na casa alheia o focinho,
Levar agua ao seu moinho,
Sem pagar o aguadeiro...

Porque será que estudantes,
Sem talento, e preguiçosos,
Ganham titulos honrosos,
E elogios retumbantes?

—E' porque são uns pedantes,
Com dinheiro na algibeira;
E conhecendo a maneira
Como se brilha entre a gente,
Julgam que é sufficiente
Serem formados... na asneira.

(Continúa.)
F. X. de N.

A PEDIDO

—Capitão, os milagres da nossa *Eleusines* são multiplices!

—Não entendo.

—Eu me explico: ainda não divulgamos os principaes feitos das *bandas sem Soledade, ladeira que não tem alvo, estrada sem valla,* e vimos pedir-lhe um parenthesis para contar-lhe que *Initnas* a muito tempo canta de gallo, a ponto de passar dias e noites, o que não é segredo para *Beaupreau* que tem sua *Bretanha em Santo Amaro, onde vai refrescar aguas em quanto que abrem-lhe regos na casa que não tem freiras, nem fonte de pedras,* onde quando voltou ultimamente assistiu o beijo que por despedida dava *Initnas em Eleusines! Bene trovato!* tem bom estomago o tal birbante, do contrario não seria o proprio a convidar quem lhe faça *bezerros,* dos quaes quer ser *tour* por ser dono do *curral.* Homem o que esperava Vmc. de quem *principia o dia tomando quatro vintens de cachaça e entrar na venda a cada passo, prevalecendo-se do seu estado alcoolizado para maltratar a todos.* Comprehando agora porque *Eleusines* aborrece o birbante abjecto que de baixo do mesmo tecto, tem, *não Cereja,* mas sua escrava *Luiza.*

—Capitão, chamo a sua attenção para o Caes de S. João, que se acha indigno de ser transitado; está completamente uma quintanda não sei porque acabaram com as immo-
raes barracas, porque vive elle tão ou mais atopetado que d'antes.

Sei que isto é materia velha e um mal que se está tornando chronico, porem não posso deixar de procurar sua valiosa intervenção, afim de ver cumpridas as posturas 41 e T. que é para o estrangeiro quando aqui saltar no dito caes, não julgar (á primeira vista) ser esta infeliz cidade alguma possessão da Costa d'Africa.

Muito folguei quando soube que o honrado fiscal Paderne entrando no exercicio da fiscalização da freguezia da Conceição no corrente mez de agosto procurou pôr execução áquellas posturas, que ha muito eram letra morta.

Soube que aousadia de certo advogado (intruso) chegou ao ponto de requerer a conservação das laes negras no Caes em questão, e que esse requerimento custou não menos de 40\$ bagos, porem a illustrissima deu-lhe com o indeferido e não deixou passar a patota —mas um certo presidente-vice, que veio de lá do *monteiro* agasalhou por tal forma o edital que manda removelas para outro logar, que até hoje não tem visto sol nem lua, entorpecendo por conseguinte a boa marcha do serviço publico e desmoralizando o incansavel fiscal; querera talvez S. S. que as pretinhas á custa das aboboras e inhames mande no citado Caes eternisar o seu nome como fez nas fontes publicas S. S.?

Soube mais que a illustrissima autorizou ao mesmo fiscal a servir-se de policia para coadjuval-a.

Devo á illustrissima dar os meus parabens pela acertada escolha do Sr. Paderne, homem probo, activo e fiel fiscalizador: oxalá que assim fossem os mais, tanto que o Dr. Rocha em secção o elogiou.

Sinto ignorar todo o nome do Sr. Paderne, sinão o publicava para conhecimento de toda municipalidade, e os seus importantes serviços serão reanhecidos e muito bem accetados.

Um que transita no Commercio.

—Capitão?

—Diga-se.

—Temos contrabando.

—Para que lado?

—No becco onde se respira só ares tepidos.

—Quem são os contrabandistas?

—E'—N. N.—*lalú* e o cara brochada.

Não

Não ha vida sem martyrio,
Soffreres sem ter queixumes;
Campinas sem borboletas,
Amores sem ter ciumes...

Não ha rozas sem espinhos
Donzellas sem ter amores;
Amores sem ter carinhos
Nem borboletas sem flores...

Bellezas sem ter magia,
Magia sem ter primores;
Nem mares sem ardentia
Estrellas sem ter fulgores...

Floresta sem passarinhos
Não ha briza sem cicio;
Regatos sem peixesinhos,
Nem fonte sem murmúrio...

Não ha vida sem martyrio,
Soffrores sem ter queixumes;
Campinas sem borboletas
Amores sem ter ciumes.

L. S.

—Capitão, uma acção digna de ser registrada.

—E o que faz?

—Espero o seu consento.

—Não precisa consultar-me sempre que tiver de mencionar acções louvaveis.

—Por ahi vae.

—Mande-me prevenir pelo muxingueiro ao *Camêllo das Maçans* que o nome C... não compete ao offendido.

—Mas quem é V?

—O moço branco.

—Será attendido.

—Capitão, venho pedir a V. Ex. um favor?

—De favores ando eu cheio; mas emfim diga lá o que quer.

—Ha em *Santo Antonio dos Mouros* uma moça que se põe escandalosamente na janella á dar beijos e abraços por accenos para os aprendizes do *Santo Chico*.

Alguns ha que reprovam este procedimento; mas outros, completamente pandegos, acceitam os taes abraços e beijos accenosos, de maneira a não poder as senhoras que por ali moram chegar em suas janellas.

—Então é este o favor que me veio pedir?

—Sim, vim rogar a V. Ex. para inserir nas columnas de seu periodico este ultraje feito á moral e á decencia.

—Será attendido.

Amor e ciume

PERGUNTA

*Que parentesco chegado
Tem amor com o ciume?*

RESPOSTA DO PASTOR EGREGIO

Estes irmãos designaes
Ambos de Venus nasceram,
E tyrannos se fizeram
Do imperio de seus pais.
Nasceu de Vulcano cego
O ciume; logo então
Tomou a cargo este irmão
A quem nunca deu socego.
E parecia acertado
Que um filho que tal parece,
Da formosura nascesse
E d'um pae desconfiado.
Ambos nascem juntamente
E vivem fazendo damno:

Um com redes de Vulcano,
Outro com seu fogo ardente.
Seguem differente fim,
E vivem sempre em perigo,
Cada um do outro inimigo
E acompanham sempre assim.
Mostre por prova melhor,
Quem ao contrario presume;
Si viu amor sem ciume,
Ou ciume sem amor.

Dialogo

Entre o Mané Jungunça, Tia Cotta, e seu sobrinho Quimquim.

Mané J.—Ora Tia Cotta você que está fazendo? não é melhor fazer-mos alguns versinhos; dê lá um motte, Quimquim...

Quimquim—Como é que Vm. quer metter-me em funduras; mas como quer la vae, não me faça desconfiar, já ouviu?... lá vae lá vae, escute.

O namorador da taberna

Mané J.—Bravo Quimquim, então que disse; o menino é bom; escute eu faço primeiro

E' jocoso e mui galante
Andar estirando a perna,
Todo dengue e derretido
O namorador da taberna.

Tia Cotta—Ora Sr Mané, isto é um desaforo, como se insulta d'esta maneira os homens? agora tome lá esta

Vá depressa no fogão
Accender esta lanterna,
Para ver as onze horas
O namorador da taberna.

Quimquim—Ora Titia, está Vm. com lanterna acceza de dia? lá vae a minha que é de muito effeito.

Veja lá minha titia,
Aquella mocinha terna;
Olhando de quando em quando
O namorador da taberna.

Mané J.—Que bobos, ora vivam! não fizeram nada, tome agora duas de uma vez:

Si quer saber de quem fallo
Tome banhos na cisterna,
Que lá talvez achará
O namorador da taberna.

Certa menina teve
Julgo da parte materna,
Uma herança que gastou
O namorador da taberna,

Tia Cotta—Alto lá, maganão, não é você só que faz... eu estou com a bocca na botija a mais de duas horas, tome esta.

Quando estou na camarinha
Sinto grande dor interna,
Logo me vem a lembrança
O *namorador da taberna*
Jurou constante amisado,
Amisado sempi-terna,
A sua querida amante
O *namorador da taberna*.

Quimquim — Ora viva! eu só fiz uma, o Vms. fizeram trez e quatro, . . . minha tia, e Sr. Mané quando tomam rapé, ficam todos de musa afinada, vou-me embora, adeus.

Mané J. — Como vai-se embora, tome esta para seus azeites.

Desconfiou o *Quimquim*
Sabiu todo empavesado,
Porque não podia ser
Da taberna o *namorado*.

Adeus tia Cotta, até outra ocasião, são horas de ceiar, para outra vez temos cousa melhor; adeus.

Ao Illm. Sr. Dr. Romualdo A. de Seixas pelos seus proprios conseantes.

SONETO.

O papa rei, que tanto *edificara*
Um rebanho de lobos tem na *egreja*,
Contra crimes politicos *dardeja*
Raios de morte com maldade *rara*.

Agora que *infallivel proclamara*
O ser humano!! *Rispido esbraveja*,
So a mentira em torno a si *adeja*,
O erro conheceu que o *inspirava!*

Oanathema cahiu sobre *Sião*
Um homem *infallivel consagrado!!..*
Do inferno subiu a *inspiração*.

No Vaticano emfim foi *declarado*
Por erronea, *fallivel expressão*
Que *hade ser infallivel o papado*.

* *

VARIÉDADES.

Respostas

Dadas por *Thales de Meleto, primeiro sabio da Grecia.*

Qual é a cousa mais bella?
O Universo, porque é obra de Deus.
A mais vasta?
O espaço, porque contém tudo.
A mais forte?
A necessidade, que de tudo triumpho.
A mais difficil?
Conhecer a si mesmo.

A mais facil?
Dar conselhos.
O mais raro?
Um tyranno que chega a velhice.
Que differença ha entre a vida e a morte?
Nenhuma, porque é tudo igual.
O que nos poderá consolar na desgraça?
A vista de um inimigo mais desgraçado do que nós.

O que é preciso para se gozar uma vida sem mancha?

Não praticar o que se censura nos outros.

O que é preciso para ser feliz?

Um corpo são, uma fortuna solida, e um espirito esclarecido.

Casamento a vapor.

Um senhor Chabannet, natural de Laval-lois Perrete, *inventou* o seguinte caso matrimonial, que não deixará de ser exemplo a futuros maridos.

N'uma semana destruiu um *mundo* que muita gente não construe em muitos annos.

Domingo, forão publicados os banhos — Segunda-feira, contrahiram-se os esponsaes — Terça feira, celebrou-se o casamento — Quarta-feira, baptisou-se um filho do casamento — Quinta-feira, administraram se os sacramentos á mãe — Sexta-feira, morreu ella — Sabbado foi enterrada — Domingo, finalmente, o noivo afflicto e inconsolavel, offerecia o seu coração e a sua mão d'esposo á uma amiga particular da defunta!

ANNUNCIOS.

O tenente Aprigio da Fonseca Galvão, por parte de seu irmão cego o Dr. Aprigio da Fonseca Galvão, o qual se acha as portas da morte, previne a todas as pessoas que assignar uma subscrição em favor daquelle Dr. não entreguem quantia alguma ao creoulo V. rissimo, que servia de guia do mesmo, pois que deixou de sel-o e anda fraudulentamente especulando recebendo dinheiros em mão do referido Dr., para o que chama a attenção do Illm. Sr. Dr chefe de policia.

Alguns companheiros do finado alferes Esiquiel José Cardozo, mandam celebrar no dia 30 do corrente agosto, no convento de S. Francisco, missa com memento pela alma do mesmo.

Milho socco a 27600 vendendo-se no 2.º Gomes, n. 35 a rua dos Caldeireiros.